

Paula Barreiros Debien

**ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA
RÍTMICA**

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2012

Paula Barreiros Debien

ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA RÍTMICA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Varley Teoldo da Costa

Co-orientador: Prof. Ms. Renato Melo Ferreira

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2012

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me acompanhar em todos os momentos ao longo dessa jornada.

A minha mãe, Jurema, pela amizade, cumplicidade, pelas contribuições neste trabalho e por ser o meu maior exemplo de vida.

Ao meu pai, Marcos, pelo apoio e suporte, pela preocupação e por todos os conselhos.

A Confederação Brasileira de Ginástica pelo apoio, confiança e, acima de tudo, por autorizar e viabilizar a realização deste estudo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Varley Costa, por me encorajar na realização deste projeto, pelas oportunidades oferecidas e pelas orientações prestadas.

Ao meu co-orientador e amigo, Prof. Ms. Renato Ferreira, pelo companheirismo, pela prestatividade incondicional e por nunca medir esforços para me ajudar.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes, pelo convite para ingressar no LAPES e por me instruir em meus “primeiros passos científicos”.

Aos colegas do LAPES, em especial ao Prof. Ms. Eduardo Penna e Luíza Ferreira, pelas ajudas prestadas neste trabalho.

A todos os meus amigos e familiares, pela paciência e pela compreensão com todo o processo.

Aos árbitros que participaram deste estudo, pela voluntariedade e compromisso para com esta pesquisa e pelas grandes contribuições para a evolução da ginástica brasileira.

A todos vocês, a minha eterna gratidão e reconhecimento.

“Vencer é o que importa. O resto é consequência.”

Ayrton Senna

RESUMO

O estresse refere-se a uma desestabilização psicofísica ou a perturbação do equilíbrio pessoa-meio ambiente, que pode ser compreendido como um produto da tridimensionalidade entre os sistemas biológico, psicológico e social. O estresse é uma variável muito presente no contexto esportivo e influencia diretamente no desempenho de atletas, treinadores e árbitros. Diferentes fatores (localização, condição física, nível de conhecimento, estado psíquico) podem contribuir e interferir nas diferentes decisões que o árbitro pode tomar para definir o que deve ser. Na Ginástica Rítmica (GR), em especial, o papel do árbitro é de grande responsabilidade para o desenvolvimento da modalidade como um todo. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de GR. Para isso, 10 árbitros de GR de nível internacional e integrantes do quadro de árbitros da Confederação Brasileira de Ginástica (2009-2012) participaram deste estudo. Os instrumentos utilizados nesse estudo foram: ficha de identificação, para caracterização da amostra, e roteiro de entrevista semiestruturada baseado na concepção do estresse enquanto produto tridimensional da inter-relação pessoa - ambiente. A análise dos dados foi conduzida seguindo-se os passos de transcrição, organização e interpretação das *Meaning Units* (MU's). As transcrições das entrevistas geraram 236 MU's que foram classificadas, dentro de categorias, por *experts* da área. Os principais resultados indicaram um destaque para as variáveis estressantes da dimensão social. Conclui-se, a partir dos resultados, que, de fato, existe uma tridimensionalidade no que tange os fatores causadores de estresse para os árbitros de GR.

Palavras-chave: Estresse. Árbitros. Ginástica Rítmica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Estresse como um produto tridimensional.....	13
FIGURA 2 – Conceitos psicológicos do estresse.....	16
FIGURA 3 – Teoria da Ação.....	17
FIGURA 4 – Categorias/ subcategorias/ propriedades de MU's estabelecidas a partir das transcrições das entrevistas.....	36
QUADRO 1 – Caracterização da amostra: estados de origem.....	31
QUADRO 2 – Subcategorias e propriedades do estresse social em árbitros de Ginástica Rítmica.....	39
QUADRO 3 – Subcategorias e propriedades do estresse biológico em árbitros de Ginástica Rítmica.....	40
QUADRO 4 – Subcategorias e propriedades do estresse psicológico em árbitros de Ginástica Rítmica.....	42

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Caracterização da amostra	30
---	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Estresse	12
2.1.1 Conceitos	12
2.1.2 Concepções sobre o estresse	13
2.1.3 Estresse psicológico	15
2.2 Arbitragem na Ginástica Rítmica	19
2.2.1 Aspectos gerais	19
2.2.2 Aspectos psicológicos	21
2.3 Estresse e arbitragem	23
2.3.1 Estresse em árbitros esportivos	23
2.3.2 Problemas e desafios na arbitragem de GR.....	25
3 MÉTODO	29
3.1 Tipo de pesquisa	29
3.2 Amostra	29
3.3 Instrumento	31
3.4 Procedimentos	32
3.5 Análise dos dados	33
3.6 Cuidados éticos	34
4 RESULTADOS	35
4.1 Estresse social	37
4.2 Estresse biológico	40
4.3 Estresse psicológico.....	42
5 DISCUSSÃO	45
5.1 Estresse social	45
5.2 Estresse biológico	47
5.3 Estresse psicológico.....	48
6 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	56
ANEXO A: Ficha de Identificação.....	56

ANEXO B: Roteiro para entrevista semiestruturada.....	57
ANEXO C: Carta CBG.....	59
ANEXO D: E-mail enviado aos voluntários.....	60
ANEXO E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	61
ANEXO F: Carta de aprovação da transcrição das entrevistas.....	62
ANEXO G: Parecer do COEP	63

1 INTRODUÇÃO

O estresse refere-se a uma desestabilização psicofísica ou a perturbação do equilíbrio na relação pessoa-meio ambiente, que pode ser compreendido como um produto da tridimensionalidade entre os sistemas biológico, psicológico e social (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Este constructo psicológico é resultado da interação do homem com o seu meio ambiente físico e sociocultural (SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009) e a partir desta inter-relação, iniciaram-se as investigações sobre estresse (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

O estresse é uma variável muito presente no contexto esportivo e influencia diretamente o desempenho de atletas (DE ROSE JR *et al.*, 2004; DIAS; CRUZ; FONSECA, 2009; NOCE; SAMULSKI, 2002; SAMULSKI; CHAGAS, 1996; VIEIRA; BOTTI; VIEIRA, 2005) e treinadores (COSTA, 2011; COSTA *et al.*, 2012; FLETCHER; SCOTT, 2010). Nos últimos anos, devido à interferência direta que o árbitro tem sobre o resultado final de atletas e equipes em competições, o foco das pesquisas tem se direcionado, também, para compreender quais fatores podem desencadear o estresse na arbitragem, comprometendo o seu desempenho em relação ao processo de tomada das decisões (COSTA *et al.*, 2010; CLAUDINO *et al.*, 2012; DE ROSE JR; PEREIRA; LEMOS, 2002; DORSCH; PASKEVICH, 2007; DUDA *et al.*, 1996; FERREIRA *et al.*, 2009; MIRJAMALI *et al.*, 2012; RAINEY; HARDY, 1999; RAINEY, 1999; SILVA, 2004; TSORBATZLOUDIS *et al.*, 2005; VOIGHT, 2009; SILVA *et al.*, 2010).

O papel do árbitro é de grande importância nas competições e, da mesma forma que atletas e treinadores, ele sofre pressões (DE ROSE JR *et al.*, 2002) e pode ter o seu rendimento prejudicado pelas situações de estresse que vivencia antes, durante e após sua atuação (SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009; MIRJAMALI *et al.*, 2012). Estas pressões e situações de estresse podem, inclusive, levar os árbitros a desistirem de suas carreiras (GUILLÉN; FELTZ, 2011; PEREIRA *et al.*, 2006; RAINEY; HARDY, 1999; RAINEY, 1999).

Os árbitros esportivos desempenham funções que demandam capacidades físicas, cognitivas e emocionais bem desenvolvidas, além de influenciarem diretamente no resultado de um jogo e/ou de uma competição. Guillén e Jiménez (2001) realizaram um estudo com o objetivo de determinar as características mais importantes em árbitros de 21 diferentes esportes (coletivos e individuais). Para isso, aplicaram um questionário em 247 árbitros (homens e mulheres) e encontraram que algumas das principais características de um bom árbitro são: ter conhecimento das regras; ser imparcial/justo; saber aplicar as regras; objetividade no julgamento; responsabilidade; capacidade de atenção; capacidade de concentração; ter experiência.

Na Ginástica Rítmica (GR), diferente de outras modalidades esportivas, não se dispõe de um sistema automático de medida, de modo que a função do árbitro é primordialmente a de avaliador do desempenho da atleta (LEANDRO, 2009). Esta avaliação é baseada no julgamento de três aspectos da composição e da apresentação das ginastas: artístico (A), execução (E) e dificuldade (D), sendo que o julgamento é traduzido em forma de notas finais de zero a trinta pontos (ÁVILA-CARVALHO *et al.*, 2009).

Dessa forma, o árbitro de GR tem que comparar a atuação da ginasta com um padrão, segundo critérios predefinidos, aplicando um regulamento (Código de Pontuação) e penalizando quando acredita que os requisitos especificados no mesmo não foram cumpridos (HEINE *et al.*, 2012). Com isso, na GR, as decisões dos árbitros são determinantes no momento de atribuir um resultado ou uma classificação. Além disso, a grande carga de subjetividade presente no julgamento da Ginástica Rítmica aumenta a responsabilidade dos árbitros enquanto avaliadores do desempenho dos atletas. (LEANDRO, 2009).

O elevado grau de atenção que requer a avaliação e ter que aplicar as exigências do Código de Pontuação em um espaço de tempo muito reduzido (segundos), faz com que várias vezes, no desempenho da sua função, surjam dificuldades relacionadas com a objetividade das suas decisões e que podem ser variáveis causadoras de estresse (ROSSETE, 1994; LEANDRO, 2009).

A grande quantidade de detalhes a serem observados ao mesmo tempo no julgamento da GR, a impossibilidade de avaliar objetivamente tudo isso, aliada à responsabilidade de julgar e classificar, muitas vezes provoca estresse pelas oportunidades concedidas ou retiradas de ginastas, treinadores e dirigentes (ROSSETE, 1994).

Muitos fatores e condições ligadas à arbitragem, tais como a formação educacional, psicológica, social e do contexto do esporte real podem ter uma influência no desempenho dos árbitros durante as competições (LEANDRO *et al.*, 2010; SILVA, 2004).

O papel do árbitro esportivo é imprescindível, visto que sua ausência desvirtua o caráter competitivo e regulador da prática, sendo impossível entender o esporte formal de competição caso este careça de regulamentações ou de uma pessoa que exerça a função específica. O desempenho do árbitro pode ser afetado das mais diversas formas, podendo, inclusive, comprometer o resultado da competição. Dessa forma, torna-se fundamental saber identificar as fontes e a intensidade do estresse que afetam os árbitros de diferentes modalidades (SAMULSKI e SILVA, 2009; COSTA, *et al.*, 2010).

A função do árbitro se estabelece em um processo contínuo de tomada de decisões com muita pressão, essas decisões são feitas por meio de processos subjetivos de avaliação de determinadas situações, estressoras ou não. Com isso, conhecer quais situações são desencadeadoras de estresse é de fundamental importância para controlar a percepção subjetiva das mesmas, o que levaria a uma melhora do rendimento destes profissionais (COSTA *et al.*, 2010).

Além disso, devido às características específicas de como os resultados são obtidos na ginástica, a justiça em dar resultados é um ponto muito importante para conseguir credibilidade no mundo dos esportes (LEANDRO *et al.*, 2010).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de Ginástica Rítmica.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Estresse

2.1.1 Conceitos

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), o estresse pode ser definido como um conjunto de reações do organismo às agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras capazes de perturbar a homeostase (equilíbrio) do indivíduo.

O estresse pode ser entendido como conceito da relação, o qual descreve determinados problemas e processos de adaptação entre um sistema e o seu meio ambiente. O estresse surge sempre quando existe um desequilíbrio entre a condição da ação individual e a condição situacional (discrepância entre capacidades e exigências) ou motivacional (discrepância entre necessidades e possibilidades de satisfação) (NITSCH¹, 1981 *apud* SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Para este estudo, o estresse será considerado como uma desestabilização psicofísica ou a perturbação do equilíbrio pessoa-meio ambiente (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996), que pode ser compreendido como produto da tridimensionalidade entre os sistemas biológico, psicológico e social (FIG. 1) (NITSCH, 1981 *apud* SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

¹ NITSCH, J. R. **Stress**: theorien, untersuchungen und massnahmen. [Stress: theories, tests and measures]. Bern/Stuttgart/Wien : Verlag Hans Huber, 1981

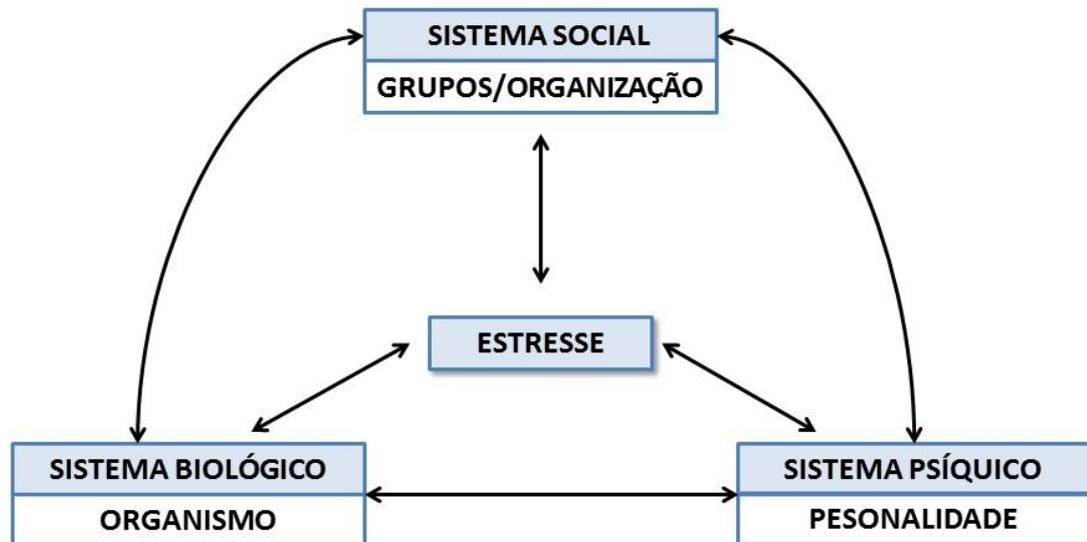


FIGURA 1: Estresse como um produto tridimensional

Fonte: Adaptado de NITSCH, 1981, p. 53 *apud* SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009.

Os seguintes conceitos biológicos, psicológicos e sociais devem ser sempre pensados numa dependência recíproca, pois, processos psíquicos e sociais são ligados, de uma determinada forma, a processos biológicos. Mas isto não mostra que perturbações sociais e psíquicas são fundamentais em aspectos orgânicos. Processos sociais, por sua vez, são influenciados por meio de aspectos psicológicos, e ambos podem tornar-se grandes influenciadores de diferentes respostas biológicas (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

2.1.2 Concepções sobre o estresse

Considerando o estresse como um produto tridimensional (FIG. 1), neste estudo serão apresentadas três concepções fundamentais do estresse: biológica, sociológica e psicológica (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Sob o ponto de vista da concepção biológica, Selye¹ (1981) *apud* Samulski, Noce e Chagas (2009) afirma que estresse é a reação não específica do corpo perante qualquer exigência.

De acordo com os trabalhos clássicos desta concepção (SELYE, 1981 *apud* SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009; LEVI², 1972 *apud* COSTA, 2011), o estresse pode ser definido como a totalidade das reações de adaptação orgânica, a qual objetiva a manutenção ou restabelecimento do equilíbrio interno e/ou externo. O modelo da Síndrome de Adaptação Geral (SELYE, 1981 *apud* SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009), focalizado na relação estímulo-resposta, é um dos principais aportes teóricos para os pesquisadores desta linha de investigação.

Enquanto a concepção biológica busca entender as reações que ocorrem no organismo, a concepção sociológica do estresse busca entender como as variáveis socioculturais podem aumentar ou atenuar o estresse no homem (COSTA, 2011). Esta linha de investigação avalia as relações sociais e culturais do homem com o seu mundo e as relações de interdependência que ambos estabelecem entre si (SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009).

De acordo com Nitsch (1981) *apud* Samulski, Chagas e Nitsch (1996), são reconhecidas duas correntes básicas na pesquisa de estresse psicológico. A primeira linha, baseada na psicanálise, destaca os trabalhos de Freud³ (1936) *apud* Costa (2011) sobre como o ser humano lida com a ansiedade e quais mecanismos de defesa ele desenvolve. Na segunda corrente, que tem a psicologia cognitivista como base, destacaram-se especialmente os trabalhos de Lazarus⁴ (1966) *apud* Samulski, Chagas e Nitsch (1996). Mais recentemente vem sendo trabalhada essa perspectiva cognitivista em conjunto com outras teorias, como a teoria da ação (*action theory*) (NITSCH⁵, 1985 *apud* SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009; NITSCH, 2009).

¹ SELYE, H. Geschichte und Grundzuege des Stresskonzepts. In: NITSCH, J. R. **Stress: theorien, Untersuchungen un Massnahmen**. Bern/ Stuttgart/Wien: Verlag Hans Huber, 1981.

² LEVI, L. **Stress and distress in response to psychological stimuli**. Oxford: Pergamon Press, 1972.

³ FREUD, S. **The ego and the mechanisms of defense**. New York: Int. Univ. Press, 1946

⁴ LAZARUS, R. S. **Psychological stress and the coping process**. New York: McGraw-Hill, 1966.

⁵ NITSCH, J. R. The action-theoretical perspective. **International Review for Sociology of Sport**, v. 20, n. 4, p. 263-282, 1985.

Cada uma destas três concepções teóricas sobre o estudo do estresse possui diferentes particularidades e contribuições significativas para o entendimento de como o estresse se manifesta no contexto esportivo. Dentre as concepções apresentadas, o presente estudo adotará uma análise mais aprofundada sobre os aspectos psicológicos do estresse em árbitros de Ginástica Rítmica, levando sempre em consideração a tridimensionalidade e interdependência dos sistemas biológico, psicológico e social no surgimento do estresse.

2.1.3 Estresse psicológico

Apesar de o estresse ser compreendido como um fenômeno tridimensional (FIG. 1), este estudo tem um foco na sua concepção psicológica. A pesquisa do estresse psicológico partiu, em um primeiro momento, do conceito empregado na linguagem psiquiátrica e cotidiana, a qual o caracterizava como estado de excitação e tensão emocional (SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009). Os principais pontos de observação não são mais os aspectos fisiológicos, mas sim, nos sintomas psíquicos do estresse, modificações do bem-estar, decurso das funções cognitivas e da execução da ação (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Variadas concepções psicocognitistas do estresse podem ser sumarizadas dentro do seguinte conceito básico: inter-relação entre a pessoa e o meio ambiente. Esta relação é compreendida não no sentido fixo do mecanismo de estímulo-resposta, mas sim, como um mediador psíquico e um realizador ativo (LAZARUS, 1966 *apud* SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Nitsch (1981) *apud* Samulski, Noce e Chagas (2009) apresenta um modelo (FIG. 2) de avaliação do conceito psicológico do estresse que auxilia no entendimento de como a percepção subjetiva de cada indivíduo, mediante um determinado estímulo estressor, pode ocasionar respostas diferentes. Conforme exposto na FIG. 2, o modelo propõe que a presença de estímulos estressores não provoca necessariamente o estresse, pois tudo irá depender de como o indivíduo realiza seus processos subjetivos de avaliação do ambiente.

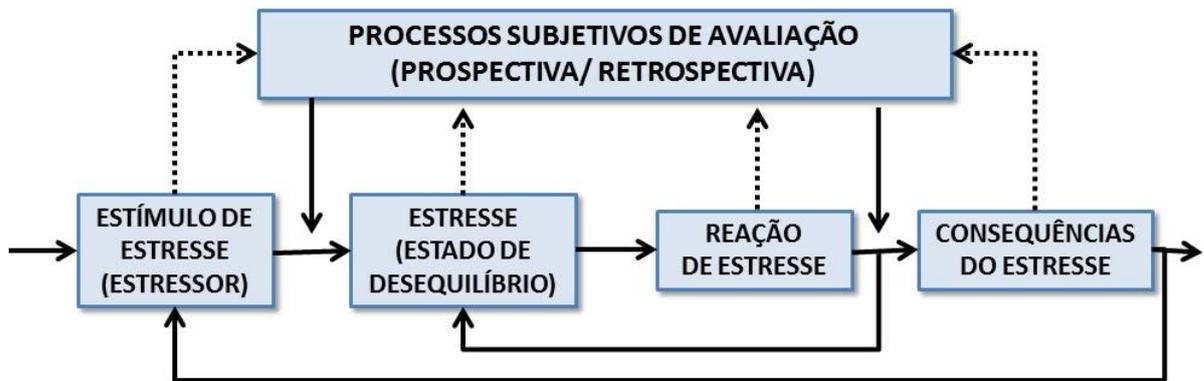


FIGURA 2: Conceitos psicológicos do estresse
 Fonte: Adaptado de NITSCH, 1981, p. 89 *apud* SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009.

De acordo com Costa (2011), os processos subjetivos da avaliação podem ocorrer pela avaliação prospectiva, que está relacionada à capacidade do indivíduo de realizar uma antecipação mental de resultados futuros, ou pela avaliação retrospectiva, na qual o indivíduo reflete sobre os acontecimentos semelhantes no passado.

Em linhas gerais, o modelo sobre o conceito psicológico do estresse mostra que quando um estímulo estressor é interpretado, desencadeia-se um estado de desequilíbrio no indivíduo, que manifestará uma reação de estresse e que poderá trazer consequências neutras, positivas ou negativas (COSTA, 2011).

Pela FIG. 2 é possível observar que este modelo não oferece uma leitura linear do estresse. Em todas as quatro fases existe uma avaliação (linhas pontilhadas) dos processos subjetivos de percepção do estresse, ou seja, o indivíduo, por exemplo, é capaz de bloquear ou eliminar um estímulo estressor antes que ele provoque um estado de desequilíbrio, dependendo do tipo de avaliação subjetiva que ele faz sobre o estímulo estressor (COSTA, 2011; SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996; SAMULSKI; NOCE; CHAGAS, 2009).

A partir disso, torna-se essencial compreender as ações dos árbitros mediante as etapas dos processos subjetivos de estresse. A análise da ação

humana no ambiente esportivo, leva em consideração a triangulação pessoa-ambiente-tarefa, conforme apresentado na FIG. 3 (SILVA, 2004).

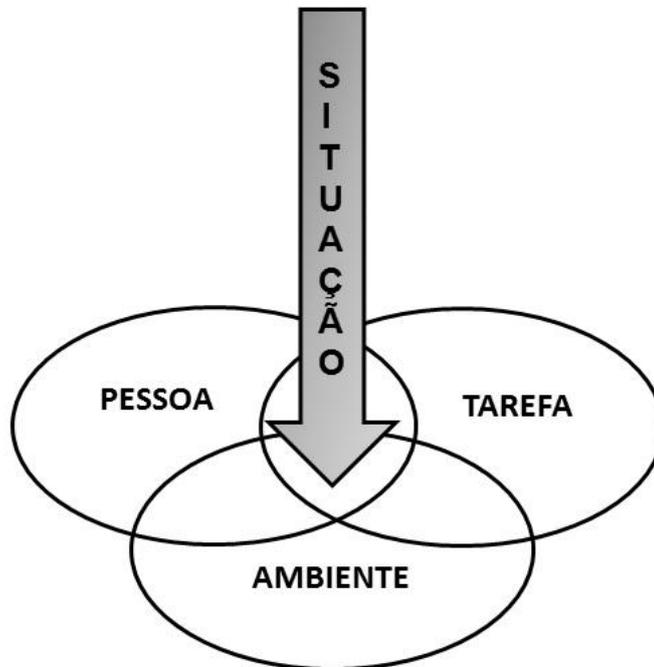


FIGURA 3 – Teoria da ação
 Fonte: Adaptado de NITSCH, 1986 *apud* SILVA, 2004.

Nitsch (2009) afirma que a teoria da ação é concebida como uma abordagem de sistemas para a inter-relação pessoa-ambiente, assumindo que o núcleo humano específico desta inter-relação é a organização intencional de comportamento dentro de um contexto significativo situacional, ou seja, a ação. O foco principal, no entanto, está em uma maior diferenciação da organização da ação em relação a uma compreensão abrangente da natureza psicológica da inter-relação pessoa-ambiente. (NITSCH, 2009; NITSCH; HACKFORT¹, 1981 *apud* SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

A ação como comportamento intencional, ou seja, como organização do comportamento intencional é integrada tanto a realidade objetiva como a subjetiva e,

¹ NITSCH; J. R.; HACKFORT, D. Stress un Schule. In: NITSCH, J. R. **Stress**: Theorien, Untersuchungen un Massnahmen. Bern/Stuttgart/Wiern: Verlag Hans Huber,1981

no decorrer do processo da ação, estas realidades são modificadas (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996; SILVA, 2004). A partir disso, resulta também a importância central da ação para o aparecimento do estresse. Ações formam os fundamentos da origem do estresse: a realização das exigências da ação pode estar ligada com as dificuldades, as quais são vivenciadas como estresse (se um árbitro é convocado para atuar em uma competição em que ele não se sente capaz de arbitrar), a execução de uma ação pode estar ligada ao estresse (pressão de tempo nas tomadas de decisão dos árbitros esportivos), o resultado da ação pode tornar-se uma relevante situação de estresse (através de uma consequência negativa associada ao resultado, vivência de uma derrota, errar no julgamento) (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

Na própria estrutura da regulação da ação encontram-se os pontos decisivos de indicação, os quais demonstram uma influência para o surgimento do estresse, como por exemplo: estresse desenvolve-se não só relacionado com a ação, mas também, age por sua vez na estrutura interna e externa da ação (incapacidade, perturbação da coordenação motora) (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996). Dessa forma, Nitsch e Hackfort (1981) *apud* Samulski, Chagas e Nitsch (1996) apontam que os determinantes da ação correspondem, também, aos determinantes essenciais da origem do estresse.

Conclui-se, então, que os três pilares que envolvem a ação humana dentro do contexto esportivo, neste caso as ações dos árbitros, também estão ligados às situações que podem desencadear estresse nos mesmos. Por isso, torna-se importante compreender as diferentes relações estabelecidas entre os árbitros (pessoa) e as situações específicas que acontecem nas competições de Ginástica Rítmica (ambiente), para que seja possível identificar as variáveis estressantes que podem influenciar no desempenho dos árbitros durante o seu julgamento (tarefa).

2.2 Arbitragem na Ginástica Rítmica

2.2.1 Aspectos gerais

As regras de avaliação da Ginástica Rítmica estão contidas no Código de Pontuação (CoPGR), que é formulado pelo Comitê Técnico de Ginástica Rítmica da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Além disso, existem outros documentos oficiais da FIG que regulamentam os princípios relativos à atuação e formação dos árbitros (FIG, 2008; FIG, 2009; FIG, 2010; FIG, 2011).

A FIG disponibiliza o CoPGR em apenas cinco idiomas oficiais: inglês, francês, russo, alemão e espanhol. Todas as traduções feitas a partir destes idiomas são consideradas não oficiais (ROSSETE, 1994). O CoPGR tem, a princípio, uma validade de um ciclo olímpico e a cada ciclo o Comitê Técnico de GR da FIG propõe uma série de mudanças no CoPGR. Além disso, durante qualquer etapa do ciclo a FIG pode enviar erratas e *letters* alterando e/ou corrigindo quaisquer regras contidas no CoPGR vigente.

De acordo com o CoPGR em vigor, as ginastas são avaliadas em três aspectos: artístico (A), execução (E) e dificuldade (D) (ÁVILA-CARVALHO *et al.*, 2009). Em competições oficiais, a banca de artístico é composta por quatro árbitros que tem a função de deduzir penalidades relacionadas à composição de base, música, coreografia e variações de elementos técnicos e corporais. A banca de execução também é composta por quatro árbitros, mas as deduções feitas por estes são acerca das falhas técnicas cometidas pela ginasta. No quesito dificuldade a banca é composta por quatro árbitros sendo dois árbitros de dificuldade corporal (D1) e dois de dificuldade de aparelho (D2). Os árbitros de dificuldade utilizam fichas, que são entregues previamente pelas comissões técnicas e que contém os elementos de D1 e D2 que serão realizados pela ginasta que será avaliada. A partir destas fichas os árbitros devem validar ou não as dificuldades executadas pelas atletas durante a apresentação (FIG, 2009).

Além destes árbitros já citados, existem árbitros que são superiores e/ou árbitros de referência. Segundo o Regulamento Específico de Árbitros de GR e as Orientações para Árbitros de Referência, estes árbitros tem a função de avaliar e controlar o desempenho dos demais árbitros (FIG, 2008; FIG, 2010).

Conforme apresentado na FIG. 4, os árbitros julgam os exercícios assentados, um ao lado do outro, de frente para a área de competição, que possui 13x13 metros. (ROSSETE, 1994).

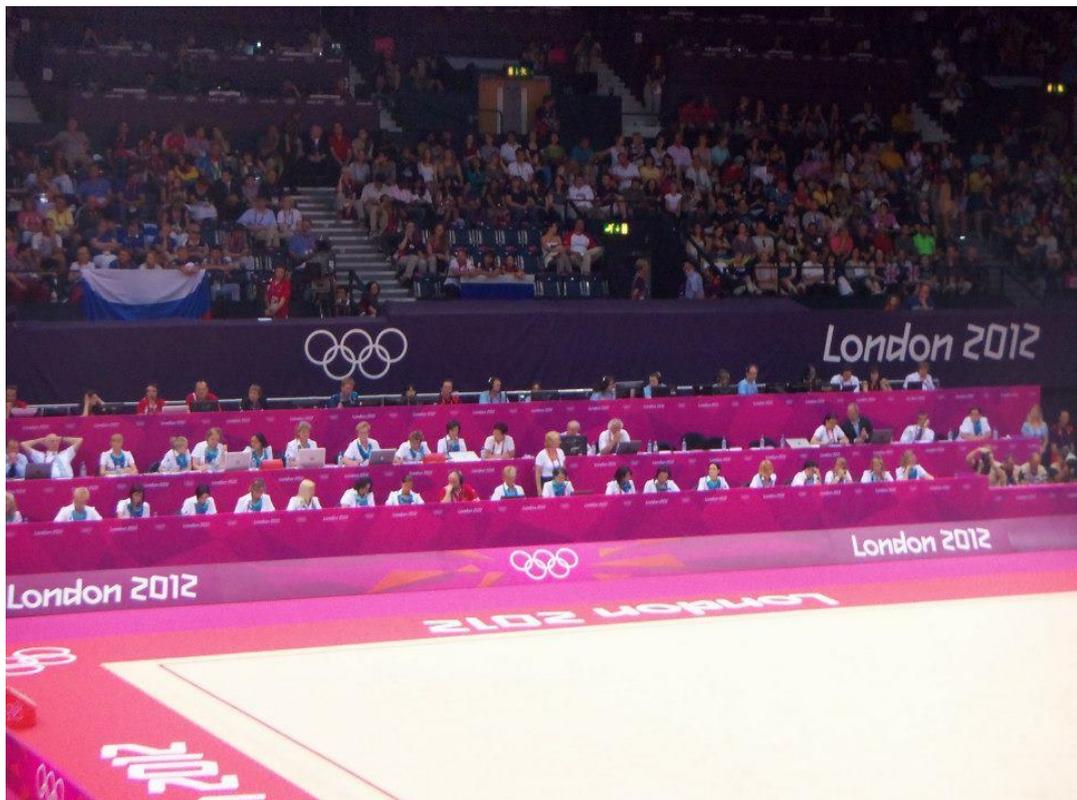


FIGURA 4: Composição da banca de arbitragem nos Jogos Olímpicos de Londres, 2012.
Fonte: Google Imagens.

A partir destes aspectos gerais relativos à estrutura de arbitragem da Ginástica Rítmica é possível perceber as principais demandas biológicas, sociais e psicológicas que os árbitros de GR sofrem durante suas atuações. Seguindo a ênfase deste estudo, alguns dos aspectos psicológicos ligados às atividades dos árbitros de GR serão analisados a seguir para melhor compreensão da dimensão psicológica no exercício de suas funções.

2.2.2 Aspectos psicológicos

Assim como exposto por de Leandro (2009) em seu estudo sobre o desempenho dos árbitros de Ginástica Rítmica, a escassez de estudos específicos nesta temática, já que a maioria é na área técnica, dificultaram o levantamento bibliográfico.

Diferentes fatores (localização, condição física, nível de conhecimentos, motivação, grau de excitação na observação, estado psíquico - estresse, experiência) podem contribuir e interferir nas diferentes decisões que o árbitro pode tomar para definir o que deve ser (SILVA, 2004).

No caso específico da arbitragem na Ginástica Rítmica, Rossete (1994) destaca que a complexidade gerida pelo volume de informações transmitidas pelo exercício (apresentação da ginasta) e tempo reduzido para seu processamento e sua avaliação pelos árbitros são as principais características do julgamento nesta modalidade.

Nem tudo que é prescrito pelo CoPGR é de conhecimento prévio do árbitro. Existem situações que apenas são conhecidas pelo árbitro no momento da competição, como, por exemplo, a originalidade da composição, a expressão transmitida pela ginasta, a qualidade da obra musical e as perdas eventuais de ritmo e aparelho. Além disso, a maioria das séries é analisada apenas uma vez ao longo de uma mesma competição (ROSSETE, 1994).

As dificuldades mais significativas na arbitragem da GR resultam das informações excessivas que o árbitro deve, rapidamente, sintetizar a fim de transformar e de concretizar em pontos; praticamente os árbitros são capazes de resolver seus problemas graças à sua experiência e seus conhecimentos sobre a ginástica (LEANDRO, 2009).

Corroborando esta ideia, Rossete (1994) vai um pouco além e afirma que os principais problemas de desempenho dos árbitros de Ginástica Rítmica estão ligados a limitações psicológicas, seu nível de conhecimento e experiência em

arbitragem, no seu posicionamento na área de competição e nas exigências impostas pelo contexto sociocultural, histórico e político (STE-MARIE, 1996; BOEN *et al.*, 2008) da competição. Além destes, alguns critérios de avaliação previstos pelo CoPGR também podem ser fatores limitantes na situação a ser julgada (ROSSETE, 1994).

Grande parte dessas limitações existem pelo fato deste esporte originar-se da arte. A relação esporte-arte, como no caso da GR, exige que os árbitros lidem com a inter-relação da subjetividade e objetividade, operacionalizada pelas avaliações qualitativa e quantitativa desta modalidade (ROSSETE, 1994).

Apesar das tentativas de estabelecimento de critérios mais objetivos no julgamento da GR, a subjetividade é parte integrante dessa avaliação, pois esse esporte demanda que o árbitro avalie subjetivamente a apresentação da ginasta, tendo em vista o seu conteúdo e a qualidade da execução. Enquanto observador, o árbitro tem que emitir a sua impressão detalhada e a geral sobre o processo/produto apresentado pela ginasta (ROSSETE, 1994).

A função do árbitro, principalmente na ginástica, torna-se árdua, pelo fator de ser um processo realizado sob pressão de tempo e pela exigência da decisão rápida. Deve ter-se em conta que todo este processo tem lugar em frações mínimas de tempo que não permitem demoras nem vacilações. Esta decisão 'última' significa que, sem possibilidade de voltar atrás, o toque de um apito, ou o digitar de uma nota põe fim ao juízo arbitral e classifica de regulamentar ou não regulamentar uma ação esportiva, ou de boa ou má uma atuação. Esta definição final qualifica, de forma muito especial, as intervenções dos árbitros e a importância que revestem. Dá à ação do árbitro uma responsabilidade acentuada (LEANDRO, 2009).

Diante desta análise a respeito dos aspectos psicológicos relacionados à atividade laboral dos árbitros de GR, nota-se que existe uma grande exigência cognitiva e pressão de tempo durante o julgamento, além da elevada responsabilidade da própria função. A partir disso, os próximos tópicos desta revisão irão relacionar diretamente o estresse à realidade dos árbitros de diferentes modalidades esportivas.

2.3 Estresse e arbitragem

2.3.1 Estresse em árbitros esportivos

De uma maneira geral, poucos estudos analisam constructos psicológicos envolvendo os árbitros esportivos. Nos estudos encontrados, a maioria aborda o estresse no contexto da arbitragem de modalidades coletivas (COSTA *et al.*, 2010; CLAUDINO *et al.*, 2012; DE ROSE JR; PEREIRA; LEMOS, 2002; DORSCH; PASKEVICH, 2007; FERREIRA *et al.*, 2009; MIRJAMALI *et al.*, 2012; RAINEY, 1999; RAINEY; HARDY, 1999; SILVA, 2004; TSORBATZLOUDIS *et al.*, 2005; VOIGHT, 2009; SILVA *et al.*, 2010).

Dentro de uma perspectiva mundial, os estudos em questão buscaram identificar as fontes de estresse em árbitros de futebol (MIRJAMALI *et al.*, 2012; VOIGHT, 2009), handebol (MIRJAMALI *et al.*, 2012; TSORBATZLOUDIS *et al.*, 2005), *hockey* (DORSCH; PASKEVICH, 2007), *rugby* (RAINEY; HARDY, 1999), basquete (MIRJAMALI *et al.*, 2012; RAINEY, 1999) e vôlei (MIRJAMALI *et al.*, 2012).

Apesar das especificidades da arbitragem de cada uma destas modalidades e dos diferentes instrumentos utilizados em cada estudo, os resultados encontrados apresentaram uma grande convergência. Entre os principais fatores de estresse para os árbitros estão: “tomar uma decisão errada”, falta de cooperação do parceiro”, “atuar em um jogo importante”, “conflitos com treinadores”, “conflito entre a carreira de árbitro e as demandas familiares e de trabalho”, “desempenho pessoal e técnico” e “pressão de tempo”.

Na realidade brasileira, esta mesma tendência é seguida. Todos os estudos encontrados foram realizados com árbitros de esportes coletivos (COSTA *et al.*, 2010; CLAUDINO *et al.*, 2012; DE ROSE JR; PEREIRA; LEMOS, 2002; FERREIRA *et al.*, 2009; SILVA, 2004; SILVA *et al.*, 2010).

No ano de 2002, De Rose Jr analisou as situações (específicas de jogo) causadoras de estresse em árbitros brasileiros de basquete. Após a aplicação de um formulário em 20 árbitros, as principais situações encontradas foram: “colega de arbitragem sofrer agressão física”, “sofrer agressão física”, “cometer erro que provoca a derrota de uma equipe” e “cometer erro em momento decisivo”.

Silva (2004) construiu e validou um instrumento que mede o nível de estresse em árbitros dos jogos esportivos coletivos, denominado TEPA. Este questionário de 69 itens foi aplicado em árbitros de futebol, futsal, handebol e basquete e verificou que os fatores estressantes de ordem social e psicológica atingiram maiores índices.

Ferreira *et al.* (2009) analisaram o estresse psíquico em árbitros de futsal, Silva *et al.* (2010) em árbitros mineiros de vôlei e basquete e Costa *et al.* (2010) em árbitros de futebol. Todos estes estudos utilizaram o mesmo instrumento, validado por Silva (2004), e concluíram que os fatores estressantes da dimensão social estressam mais os árbitros.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, o estudo que mais se aproximou da realidade a ser investigada por este trabalho foi o de Duda *et al.* (1996). As pesquisadoras buscaram descobrir as variáveis estressantes em árbitros norte-americanos de ginástica artística. A amostra deste estudo foi composta por 647 árbitros do sexo feminino, que responderam a questões abertas e fechadas de um questionário. Itens como “manter-se atualizado com as regras do esporte”, “conflitos entre arbitragem e demandas sociais/família”, “pressão de tempo”, “abuso verbal e/ou confrontos negativos com treinadores”, “problemas pessoais com outros árbitros”, “competições desorganizadas”, “medo de errar” e “cansaço” estão entre os fatores que levam estes árbitros ao estresse.

Portanto, é possível perceber a necessidade de mais estudos que busquem identificar e mensurar o estresse em árbitros de ginástica, principalmente na realidade brasileira. A partir disso, o próximo tópico irá abranger os principais desafios, problemas e possíveis variáveis estressantes encontrados na arbitragem de Ginástica Rítmica.

2.3.2 Problemas e desafios na arbitragem de GR

Leandro (2009) destacou que os seguintes fatores podem interferir no desempenho dos árbitros de GR: idade; formação acadêmica e desportiva; experiência; motivação; tendência; contexto/ambiente da competição; conhecimento dos resultados obtidos anteriormente e a procedência da ginasta; personalidade e características individuais dos árbitros.

A partir disso, ao analisar o estresse enquanto produto tridimensional (FIG. 1) no contexto da arbitragem, é possível perceber que diferentes variáveis (sociais, biológicas e psicológicas) podem provocar o surgimento do estresse em árbitros, influenciando diretamente em suas decisões ao longo de suas atuações (SILVA, 2004; LEANDRO *et al.*, 2010).

Ao tratar de forma específica a arbitragem da Ginástica Rítmica, Rossete (1994) afirma que em competições oficiais de GR, frequentemente surgem equívocos de diferentes naturezas. Dentre outros, ressaltam aqueles que ocorrem em decorrência da discrepância do julgamento de um mesmo exercício por diferentes árbitros, normalmente ocasionadas pelas discordâncias de argumentos e/ou de justificativas apresentadas por eles durante as reuniões internas. Muitas vezes os julgamentos diferenciados ocasionam ansiedades, insatisfações e conflitos entre árbitros, técnicos, ginastas e público.

Apesar da pontuação atribuída não ser proveniente unicamente de um juiz, mas sim da média das notas outorgadas por todos os membros do júri, regidos, por sua vez, pelo Código de Pontuação, nem sempre se consegue que a ginasta, a treinadora e público estejam de acordo, em uníssono e, portanto, satisfeitos com os resultados (LEANDRO, 2009).

Analisando as condições ambientais de uma competição de GR, a função do árbitro se torna ainda mais complexa quando considera-se a área da competição e o tempo para o julgamento. Enquanto os árbitros estão posicionados de forma estática e podem ver o exercício apenas de um ângulo, as ginastas utilizam diferentes dinâmicas, planos, direções, trajetórias, ocupando ângulos e níveis

diversos (ROSSETE, 1994). Corroborando esta ideia, Duda *et al.* (1996) encontraram como fonte de estresse entre os árbitros de ginástica artística o fator “competição desorganizada”.

Ainda no que diz respeito ao estresse oriundo das variáveis ligadas à dimensão social, Duda *et al.* (1996) afirmam que a difícil conciliação entre as demandas sociais e da família com a carreira dos árbitros de ginástica constitui um fator de estresse para os mesmos

No aspecto biológico da atuação dos árbitros de GR, algumas competições de longa duração e com poucos intervalos de descanso, são realmente esgotantes, influenciando notavelmente o estado dos árbitros, principalmente os de idade mais avançada (LEANDRO, 2009). Segundo esta mesma autora, estes juízes acusam mais o cansaço, podendo influenciar, em grande medida, as pontuações atribuídas e conseqüentemente ser um prejuízo para a competição.

Ainda nesta variável, Rossete (1994) afirma que um indivíduo excessivamente cansado poderá não detectar sinais de fato, ou poderá enganar-se achando que está recebendo sinais que na realidade não existem.

Após a apresentação do exercício pela ginasta, o árbitro tem um tempo inferior a um minuto para atribuir a sua nota e enviá-la ao árbitro controle e/ou diretor da banca, que por sua vez, também tem um tempo curto de tempo para analisar as notas recebidas e decidir sobre a nota final do exercício julgado. O pouco tempo que o árbitro dispõe para perceber, avaliar e registrar um exercício constitui-se, portanto, em um problema no julgamento da GR (ROSSETE, 1994).

Esportes sem medidas sistematizadas de avaliação (ginástica, nado sincronizado, saltos ornamentais) ou instrumentos de medição para determinação objetiva de desempenhos relativos, dão margem a favorecimentos políticos e julgamentos tendenciosos na avaliação de *performances* (BOEN *et al.*, 2008). Na GR é possível a deliberada parcialidade do julgamento, pelo fato de cada árbitro poder fazer seu julgamento subjetivo, apesar de seguir os critérios estabelecidos por um Código de Pontuação (POPOVIC, 2000; ROSSETE, 1994).

Na GR esta variável é tão presente que o estudo de Popovic (2000) confirmou que os árbitros que atuaram nos Jogos Olímpicos de Sydney davam notas maiores para as ginastas dos seus países de origem.

Na realidade brasileira, o CoPGR é a única fonte para os julgamentos de ginastas de diferentes idades, níveis técnicos e vivências. Além disso, Rossete (1994) diz que a falta de conhecimento dos conceitos (do CoPGR) e significados dos critérios estabelecidos pela realidade observada (apresentação da ginasta) provoca a interpretação inadequada dos fatos.

Os estudos de Leandro (2009) e Leandro *et al.* (2010) mostraram que as árbitros portuguesas afirmam não gostar de pontuar todos os quesitos (A, E, D1 e D2), dando preferência ao D1 em detrimento do artístico. Ainda ligado à variável de qual banca julgar, os árbitros participantes destes estudos afirmaram ter mais dificuldade no D2.

Os resultados do estudo de Rossete (1994) afirmam que quatro anos (ciclo olímpico) de validação do *brevet* (certificação de árbitro) é um espaço de tempo muito longo, sem que nesse período ocorram contatos para reciclagens e atualizações. Avançando nesta análise, o longo espaço de tempo entre os cursos de arbitragem (oficiais da CBG e FIG), o pequeno número de cursos de reciclagem e a conseqüente falta de estudo por parte de alguns árbitros podem causar prejuízos na avaliação (ROSSETE, 1994).

A arbitragem desportiva mediante a aplicação das suas regras e pelos resultados que propicia tem uma função pedagógica e reguladora dentro do sistema de preparação dos atletas e treinadores, que se manifesta na utilização dos seus resultados como *feedback* para o reinício e/ou continuidade dos seus programas de treinamento. Este fato só aumenta a exigência de uma atuação dos árbitros e juízes na aplicação das regras levando em consideração a realidade dada, pois o resultado da arbitragem vai mais além do espetáculo competitivo, por isso, quando não é eficiente, pode provocar uma decepção massiva que deixa marcas irreparáveis nos espectadores, e para o atleta e seu treinador que se preparam durante longo tempo confiando naqueles que, teoricamente, detêm o poder de avaliar a qualidade do seu trabalho - os árbitros (LEANDRO, 2009).

Os árbitros de GR se deparam com as mais diversas dificuldades e desafios durante a sua atuação. Todas essas demandas e situações podem, de alguma forma, provocar um desequilíbrio na relação dos árbitros com o ambiente em que eles estão inseridos e prejudicar o seu desempenho e a justiça dos resultados das competições. Por isso, torna-se fundamental identificar as variáveis que podem influenciar no rendimento dos árbitros, como é o caso do estresse.

3 MÉTODO

3.1 Tipo de pesquisa

Para realização do presente estudo foi utilizada uma abordagem qualitativa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007), através de entrevistas semiestruturadas, com finalidade de identificação de fatores estressantes em árbitros de Ginástica Rítmica.

O estudo voltou-se ainda para a análise das narrativas (*Meaning Units – MU's*), que mais tarde, indutivamente categorizadas, obedeceram ao procedimento qualitativo (PATTON, 2002; THOMAS; NELSON, 2002; MCKAY *et al.*, 2008; SAMULSKI *et al.*, 2009; POST; WRISBERG, 2012; FERREIRA *et al.*, 2012a; FERREIRA *et al.*, 2012b).

Para Mazzola, Schonfeld e Spector (2011), pesquisas qualitativas podem desempenhar um importante papel na descoberta de fatores estressantes, que não estavam originalmente previstos por pesquisadores que utilizam instrumentos estruturados em investigações quantitativas. Isso acontece, porque pesquisas qualitativas permitem uma maior compreensão das vivências dos participantes dentro do contexto nos quais eles estão inseridos (MUNROE-CHANDLER, 2005).

3.2 Amostra

De acordo com o site oficial da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), o quadro de árbitros de Ginástica Rítmica no ciclo 2009-2012 é composto por 102 árbitros, sendo que destes, 34 são de nível internacional.

Participaram deste estudo 10 árbitros brasileiros de Ginástica Rítmica de nível internacional, que correspondem a, aproximadamente, 29% da população dos árbitros mais qualificados que integram o quadro da CBG. Para inclusão na amostra, o critério de seleção foi que estes árbitros tenham atuado em Campeonatos Nacionais e/ou Internacionais no atual ciclo olímpico (2009-2012).

Analisando pesquisas relacionadas ao âmbito qualitativo, em especial, as que utilizaram entrevistas semiestruturadas, observou-se que tais estudos empregaram amostragens que não excederam 15 indivíduos (FRIMAN *et al.*, 2004; MCKAY *et al.*, 2008; SAMULSKI *et al.*, 2009; FERREIRA *et al.*, 2012a; FERREIRA *et al.*, 2012b; POST; WRISBERG, 2012).

Os voluntários tiveram suas identidades resguardadas sendo aleatoriamente identificados por A1 (árbitro 1), A2 (árbitro 2), ... e A10 (árbitro 10) com a finalidade de manter o anonimato dos participantes. A TAB. 1 e QUADRO 1 apresentam a caracterização da amostra.

TABELA 1

Caracterização da amostra: idade, tempo de arbitragem e atuações

	Média	Desvio Padrão
Idade (anos)	37,6	6,6
Tempo de arbitragem (anos)	16,0	4,9
Tempo de arbitragem internacional (anos)	9,8	2,3
Atuações por ano (2009-2012)	5,3	2,7

Fonte: Dados da pesquisa

QUADRO 1
Caracterização da amostra: estados de origem

Árbitro	Estado de origem
A1	Rio Grande do Norte
A2	Rio de Janeiro
A3	Paraná
A4	Rio Grande do Sul
A5	Bahia
A6	São Paulo
A7	Espírito Santo
A8	Distrito Federal
A9	Rio Grande do Sul
A10	São Paulo

Fonte: Dados da pesquisa

3.3 Instrumento

Os instrumentos utilizados nesse estudo consistiram em: ficha de identificação (ANEXO A), para caracterização da amostra, e roteiro de entrevista semiestruturada (ANEXO B).

Os critérios utilizados para estruturar as perguntas do roteiro foram baseados na concepção do estresse enquanto produto tridimensional da inter-relação pessoa – meio ambiente (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996) e nos métodos empregados em estudos anteriores relacionados ao estresse em árbitros esportivos (DUDA *et al.*, 1996; SILVA, 2004).

Neste tipo de entrevista, os aspectos a serem investigados são estabelecidos previamente pelo pesquisador, obedecendo aos critérios de relevância firmados pelo mesmo (PATTON, 2002; SAMULSKI *et al.*, 2009; FERREIRA *et al.*, 2012a). As questões são previamente listadas, mas como roteiro, e podem se desviar do curso inicial, dependendo da necessidade.

A ordem das perguntas pode ser flexível, pois o investigador estabelece a sequência das mesmas durante a entrevista. Além disso, questões específicas podem ser formuladas para os diferentes participantes de um estudo (PATTON, 2002; FERREIRA *et al.*, 2012a)

Os equipamentos utilizados para realização das entrevistas foram dois gravadores digitais (*Panasonic RR-US450 e Philips Digital Pocket Memo 9500*) para entrevistar os árbitros, sendo que um serviu de *backup* para o entrevistador, para eventual necessidade. Foi utilizado um notebook (*Dell Inspiron 15*), além dos softwares para a utilização/manipulação dos arquivos de áudio (*Voice Editing Premium Edition 2.0, SpeechExe Transcribe 7 e SpeechExec ProDictate 6*).

3.4 Procedimentos

Primeiramente, foi realizado um contato com a Confederação Brasileira de Ginástica em busca de apoio e autorização para realização do estudo (ANEXO C).

Em seguida, foi estabelecido contato com os árbitros via correio eletrônico, com a finalidade de explicitar os objetivos, métodos, importância do estudo e convidando-os a participar do mesmo (ANEXO D). Mediante resposta positiva, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO E) para cada árbitro, que foi assinado e devolvido aos pesquisadores responsáveis no dia da entrevista.

As entrevistas foram agendadas de acordo com a convocação dos árbitros para as competições oficiais da CBG ao longo do ano de 2012. Nas datas agendadas, as entrevistas foram feitas individualmente, em locais tranquilos, sem muito ruído externo, onde os árbitros voluntários pudessem ficar à vontade para participar da pesquisa. Todas as entrevistas foram feitas pela mesma pesquisadora e tiveram duração média de 30 minutos. Além disso, elas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para viabilizar a análise do conteúdo das mesmas (PATTON, 2002; MCKAY *et al.*, 2008; SAMULSKI *et al.*, 2009; FERREIRA *et al.*, 2012a; FERREIRA *et al.*, 2012b; POST; WRISBERG, 2012). Uma cópia desta narrativa foi enviada a cada voluntário, juntamente com uma carta de aprovação (ANEXO F), para assinatura e confirmação da veracidade dos dados, considerando, dessa forma, o texto transcrito fidedigno (PATTON, 2002; FERREIRA *et al.*, 2012b). Caso houvesse alguma correção, a mesma era realizada de acordo com as sugestões enviadas pelos árbitros.

3.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi feita seguindo os passos de transcrição, organização e interpretação, conforme procedimentos relatados em pesquisas com esta mesma abordagem (FRIMAN *et al.*, 2004; MCKAY *et al.*, 2008; SAMULSKI *et al.*, 2009; FERREIRA *et al.*, 2012a; FERREIRA *et al.*, 2012b; POST; WRISBERG, 2012).

As transcrições foram realizadas por meio de digitação simultânea das gravações das entrevistas. As narrativas foram analisadas e categorizadas por meio de *Meaning Units*. Uma *Meaning Unit* (MU) representa uma parte, que pode ser uma linha, parágrafo ou mais de um parágrafo do corpo de um texto, que exemplifica uma ideia expressada pelo pesquisador de forma clara e objetiva (FERREIRA *et al.*, 2012a). A seguir um exemplo de *Meaning Unit*:

(...) o que incomoda é como são feitas as interpretações dessas mudanças, principalmente quando muda o ciclo. Porque até a maioria dos árbitros

estarem na mesma linha de pensamento, já se passou dois anos, no mínimo, depois das mudanças. **A4 – Mudanças nas regras**

Para que não ocorra nenhum tipo de falha na interpretação dos resultados, é essencial classificar e organizar as MU's. A classificação é relativa à denominação que as MU's recebem de acordo com o seu conteúdo. A organização consiste na divisão da entrevista transcrita em segmentos textuais compreensíveis (MU's) que tenham significado e transmitam certo entendimento, ou alguma informação relevante que auxilie na compreensão do fenômeno (SAMULSKI *et. al*, 2009; FERREIRA *et. al*, 2012a; FERREIRA *et al.*, 2012b).

Os dados foram categorizados e passaram pelo *expert-rating* de três avaliadores: um expert em arbitragem em GR, um doutor e um mestre em Psicologia do Esporte, todos com experiência em pesquisas qualitativas.

Para a análise dos dados de caracterização da amostra foi utilizado o programa *Microsoft Excel 2010*, que determinou a média e desvio padrão das atuações por ano, tempo de arbitragem, tempo de arbitragem internacional e idades dos árbitros.

3.6 Cuidados éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sob o CAAE 02532712.8.0000.5149 (ANEXO G).

4 RESULTADOS

A gravação das entrevistas teve duração aproximada de 5 horas. Os dados foram transcritos em letra Arial, tamanho 12, com espaçamento 1,5 entre as linhas, durante 10 sessões de 2 horas, e produziram um total de 103 páginas. As transcrições foram analisadas e resultaram em um total de 237 MU's. Primeiramente, estas MU's passaram por um processo de análise do investigador, com o objetivo de destacar as mais pertinentes para este estudo. Em seguida, as MU's restantes foram analisadas por três *experts*, com o objetivo de classificar cada MU em uma categoria pré-definida, resultando em 236 MU's utilizadas no presente estudo.

De acordo com a FIG. 3, é possível verificar todas as categorias, subcategorias e propriedades que foram estabelecidas após as transcrições e a quantidade de MU's em cada uma delas, de acordo com a análise dos *experts*.

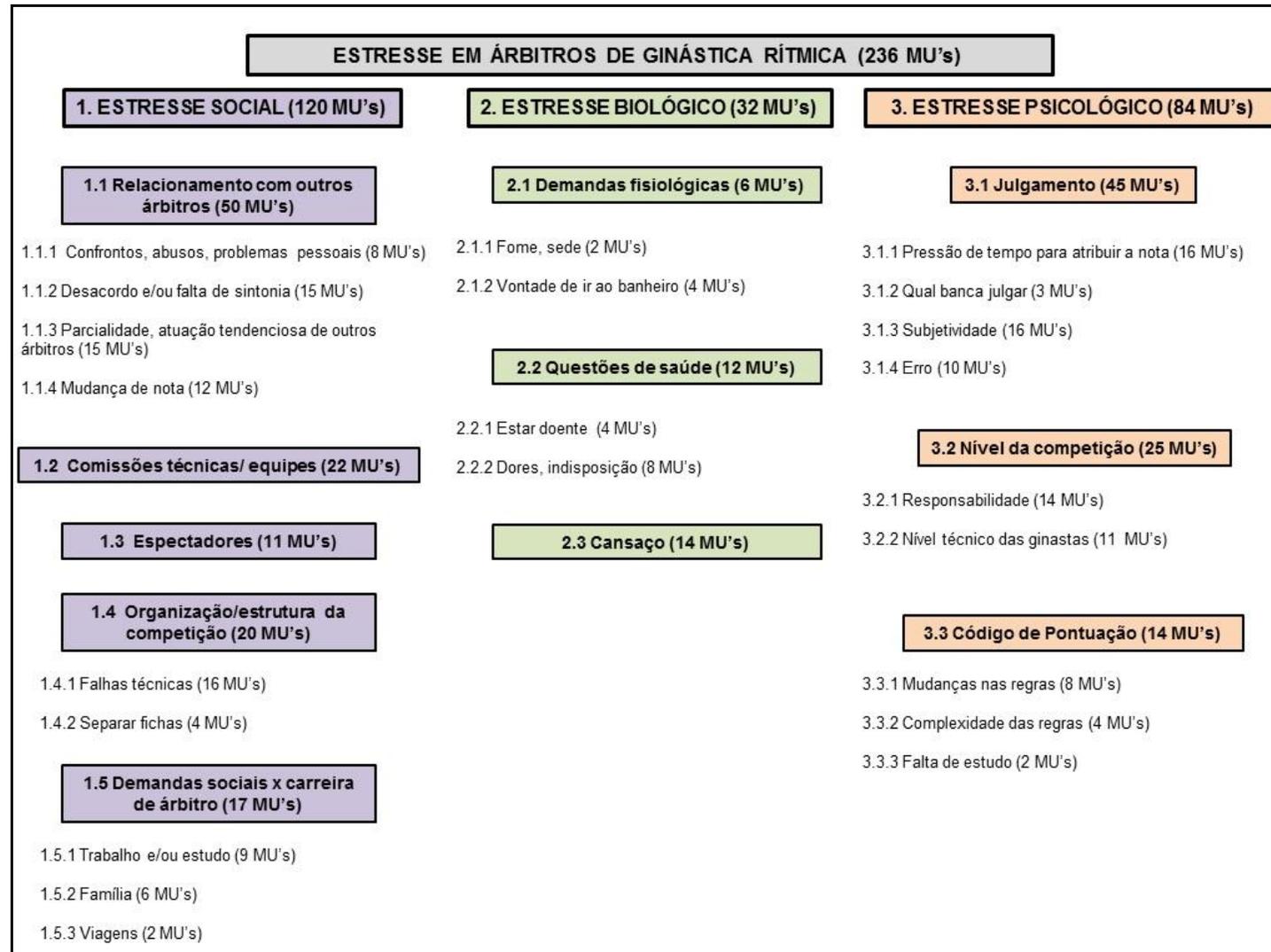


FIGURA 4 – Categorias/ subcategorias/ propriedades de MU's estabelecidas a partir das transcrições das entrevistas
 Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados serão, portanto, apresentados de acordo com as categorias, subcategorias e propriedades apresentadas (FIG. 4). Devido ao espaço e tempo, apenas algumas MU's serão apresentadas, buscando ilustrar as informações. Os dados foram agrupados em quadros para melhor compreensão e posterior discussão dos resultados.

4.1 Estresse social

O QUADRO 2 apresenta a quantidade de MU's encontradas para cada subcategoria/propriedade de natureza social que podem causar estresse em árbitros de Ginástica Rítmica.

QUADRO 2
Subcategorias e propriedades do estresse social em árbitros de Ginástica Rítmica

Subcategoria/propriedade	Número de MU's
1.1 Relacionamento com outros árbitros	50
1.1.1 Confrontos, abusos, problemas pessoais	8
1.1.2 Desacordo e/ou falta de sintonia	15
1.1.3 Parcialidade, atuação tendenciosa de outros árbitros	15
1.1.4 Mudança de nota	12
1.2 Comissões técnicas/equipes	22
1.3 Espectadores	11
1.4 Organização/estrutura da competição	20
1.4.1 Falhas técnicas	16
1.4.2 Separar fichas	4
1.5 Demandas sociais x carreira de árbitro	17
1.5.1 Trabalho e/ou estudo	9
1.5.2 Família	6
1.5.3 Viagens	2
TOTAL	120

Fonte: Dados da pesquisa

Dentro da categoria “Estresse Social” foram estabelecidas cinco subcategorias: “Relacionamento com outros árbitros”, “Comissões técnicas/equipes”, “Espectadores”, “Organização/estrutura da competição” e “Demandas sociais x carreira de árbitros”.

A subcategoria “Relacionamento com outros árbitros” totalizou 50 MU’s, sendo que oito eram relativas à propriedade “Confrontos, abusos, problemas pessoais” e 12 à “Mudança de nota”. As demais propriedades desta subcategoria – “Desacordo e/ou falta de sintonia” e “Parcialidade, atuação tendenciosa de outros árbitros” apresentaram 15 MU’s cada uma. As MU’s a seguir ilustram como pode se dar o surgimento do estresse a partir de uma questão envolvendo o relacionamento com os outros árbitros:

(...) quando a X era diretora de arbitragem, acontecia muito de ela agredir verbalmente a gente. Por exemplo, se ela não concordava com a nota, ao invés dela falar “Gente...”, muitas vezes ela vinha numa boa, mas muitas vezes era: “Você está puxando a nota!”, assim bem descarado. Então, isso aconteceu comigo, na frente das pessoas todas, de todos os árbitros. Então, isso aconteceu comigo, sei lá, no mínimo umas três vezes e foi uma coisa que me desestabilizou completamente. Nas outras notas eu tinha certeza que eu estava dando tudo “escangalhado”. **A8 – Confrontos, abusos, problemas pessoais**

Estressa bastante, às vezes, na banca mesmo, um árbitro que não tem o mesmo pensamento. **A6 – Desacordo e/ou falta de sintonia**

(...) às vezes, tem gente que a gente vai arbitrar e a gente sabe que puxa pro clube, aí a gente fica com o pé atrás... acaba estressando. **A7 – Parcialidade, atuação tendenciosa de outros árbitros**

Porque muitas vezes os árbitros que você está controlando não concordam em modificar suas notas quando você solicita, e isso causa um certo desconforto na arbitragem, porque, pelo menos no meu caso, eu não gosto de ficar pedindo pra outra pessoa fazer uma coisa que ela não concorda em fazer... então essas mudanças de nota me causa sim um estresse durante a competição. **A2 – Mudança de nota**

Das 22 MU’s relativas ao estresse nos árbitros, que surge de toda e qualquer questão que envolvam as comissões técnicas e/ou equipes (conflitos, abusos, pressão, etc), são apresentadas duas a seguir:

Eu acho que eu não vou saber dizer exatamente quando e em que competição, mas eu acho que foi J.J. há muitos anos atrás. Foi uma técnica de M., que ela olhou pra arbitragem e disse: “É, agora vamos ver se vocês não vão dar”, alguma coisa assim. E aí foi estressante, porque ficou todo mundo naquele clima, parecendo que a gente queria prejudicar a menina, e, na verdade, não era, porque a menina era linda, mas se não deixa claro, não ganha. **A8 – Comissões técnicas/equipes**

Se o técnico chega agressivamente, o árbitro tem todo o direito de não responder e isso gera um grande estresse, tanto para o técnico quanto para o árbitro. (...) A agressão gera agressão e gera estresse. Então, eu acho que de todas as partes tem que ser de uma forma tranquila, mesmo todas as partes estando com os ânimos alterados, como ficam, e nós sabemos que ficam mesmo. **A10 – Comissões técnicas/equipes**

As variáveis estressantes ligadas ao relacionamento dos árbitros com os espectadores dos eventos em que atuam totalizaram 11 MU's. Abaixo uma MU que ilustra uma situação de estresse provocada pelas atitudes dos espectadores:

Quando a torcida abusa estressa muito, nossa... tem muito juiz que sai chorando, eu já chorei, porque falou coisa da minha família. **A7 – Espectadores**

Todas as questões de logística que envolvem a competição foram inseridas na subcategoria “Organização/estrutura da competição” (20 MU's). Dentre as duas propriedades desta subcategoria, “Falhas técnicas” obteve 16 MU's e “Separar fichas” quatro. As três MU's abaixo ilustram estas propriedades do estresse social:

Outro motivo também de estresse em uma competição, quando você está dirigindo, são as falhas técnicas. Quando você está arbitrando e as coisas que estão ao redor da competição não estão lhe favorecendo. Por exemplo, o som está “batendo” o cd; ou o cd não está funcionando; o tapete está levantando; a bandeirinha não está posicionada no lugar, em competições de nível mais amador... essa é uma coisa que trás muito estresse. **A1 – Falhas técnicas**

(...) às vezes, também essa proximidade do tapete, dependendo do ângulo que a ginasta faz um movimento você não consegue visualizar direito, então te dá dúvida e isso realmente é ruim, é estressante. São situações que eu vejo que a organização do evento tem que prestar muita atenção. Isso acaba prejudicando até mesmo a ginasta. **A3 – Falhas técnicas**

Só gera cansaço mesmo, porque um campeonato longo que nem Torneio Nacional, tem muita ficha. E não adianta muito a gente pegar ficha, porque começa a gerar bagunça. Não é falta de o pessoal querer ajudar, todo mundo ajuda, mas é muita ficha. Se tivesse uma outra forma, ou então... sei lá, enviarem antes (...), mas se tivesse mais tempo pra não ficar tão em cima, porque você recebe a ficha a noite pra de manhã estar pronta. Isso é cansativo e, lógico, gera um estresse, porque você já fica nervoso, irritado, porque tem que arrumar ficha. **A6 – Separar fichas**

As propriedades “Trabalho e/ou estudos” (9 MU's), “Família” (6 MU's) e “Viagens” (2 MU's) foram agrupadas dentro da subcategoria “Demandas sociais x carreira do árbitro” (17 MU's). Dentre as variáveis estressantes que podem surgir devido à dificuldade de conciliar os compromissos da arbitragem com o trabalho,

estudo, família e as próprias viagens, três delas são relatadas abaixo pelos árbitros A2, A10 e A8:

Primeiro, quando eu sou convocada, o que me causa estresse, é que eu tenho que fazer um monte de troca no meu trabalho. Então, é uma situação que eu fico estressada, porque eu não sei se eu vou conseguir, não sei se vai ter alguém pra trocar comigo, ou se eu vou ter que pagar para as pessoas trabalharem pra mim, então é uma situação. **A2 – Trabalho e/ou estudo**

O mais importante aí é com relação à família. Sempre... “Por que você tem que ir? Por que tem que ser assim? Por que você tem que aceitar?”. Mas aí tem que ter aquela conversa... “É o meu objetivo enquanto profissional. Eu trabalho com isso. Infelizmente, tem que sair, porque os eventos são fora e o Brasil é muito grande.” Mas a família estressa bastante. **A10 – Família**

(...) eu geralmente fujo de viagem que eu sei que vai ser muito longa. Então, por exemplo, essa de R. eu não iria. Então, eu tento fugir dessas coisas, porque eu sei que ficar cinco horas no avião... eu acho estressante. Você fica cansada, você chega lá já de saco cheio. **A8 - Viagens**

4.2 Estresse biológico

As variáveis estressantes relacionadas à dimensão biológica e as correspondentes quantidades de *Meaning Units* para cada subcategorias e propriedades podem ser observadas no QUADRO 3.

QUADRO 3
Subcategorias e propriedades do estresse biológico em árbitros de Ginástica Rítmica

Subcategoria/propriedade	Número de MU's
2.1 Demandas fisiológicas	6
2.1.1 Fome, sede	2
2.1.2 Vontade de ir ao banheiro	4
2.2 Questões de saúde	12
2.2.1 Estar doente	4
2.2.2 Dores, indisposição	8
2.3 Cansaço	14
TOTAL	32

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta categoria, estabeleceram-se três subcategorias: “Demandas fisiológicas”, “Questões de saúde” e “Cansaço”. Dentre estas, a que obteve mais MU’s foi “Cansaço”, com 14 MU’s. De acordo com o seguinte relato de um dos árbitros, observa-se de que forma o cansaço se constitui um fator estressante para os mesmos:

Esse negócio de controle é muito cansativo e o cansaço leva o estresse. Você vai, vai, vai, mas quando chega no final você já está com vontade de parar e isso leva ao fato de você não fazer o trabalho bem feito. **A5 – Cansaço**

A subcategoria “Questões de saúde” apresentou 12 MU’s, sendo que quatro eram relacionadas ao fato dos árbitros se sentirem estressados em ter que arbitrar doentes e oito MU’s relativas ao estresse proveniente de dores e indisposições. Abaixo alguns exemplos de MU’s desta subcategoria:

Eu acho que estressa sim... é muito ruim quanto tu está doente e tem que arbitrar. **A4 – Estar doente**

(...) quando teve muita criança, acho que foi em um Torneio, eu tive muita dor de cabeça. Meu Deus, chegou a me dar ânsia de vômito, eu tomava remédio, não passava, porque forçou muito a cabeça. Então, o que me incomoda e me estressa mesmo é essa dor de cabeça. (...) E isso aí é realmente o que me perturba, porque eu não consigo raciocinar direito, tu fica meio fora do ar. **A9 – Dores, indisposição**

(...) pode estressar sim, porque se o árbitro não está bem confortável, em uma cadeira legal, ele fica incomodado, pode sentir dores e aquilo tira a atenção do que ele está fazendo, do que ele está avaliando. Isso eu acredito sim, pode estressar. **A10 – Dores, indisposição**

As propriedades “Fome, sede” (2 MU’s) e “Vontade de ir ao banheiro” (4 MU’s), muito particulares da atuação dos árbitros de GR, constituíram a subcategoria “Demandas fisiológicas”. A partir dos relatos de A8 e A9 é possível perceber de que forma esses fatores podem levar os árbitros ao estresse:

(...) a questão de ir ao banheiro, já inclusive aconteceu comigo, e a V. teve que parar a competição (risos). Eu virava pra ela e falava: “Não dá mais pra segurar!” e ela: “Espera aí... mais uma.”, e eu: “V., não dá, eu quero fazer nas calças!”. Ah... estressou, porque eu ficava esperando a hora deu ir. **A8 – Vontade de ir ao banheiro**

Por exemplo, aqui nessa competição a gente sente fome, dá dor de cabeça, não consegue comer direito nem tomar água, enfim, então isso aí prejudica também. **A9 – Fome, sede**

4.3 Estresse psicológico

Por fim, o QUADRO 4 mostra o número de MU's para cada subcategoria e propriedade relacionadas ao estresse psicológico na atividade dos árbitros em questão.

QUADRO 4
Subcategorias e propriedades do estresse psicológico em árbitros de Ginástica Rítmica

Subcategoria/propriedade	Número de MU's
3.1 Julgamento	45
3.1.1 Pressão de tempo para atribuir a nota	16
3.1.2 Qual banca julgar	3
3.1.3 Subjetividade	16
3.1.4 Erro	10
3.2 Nível da competição	25
3.2.1 Responsabilidade	14
3.2.2 Nível técnico das ginastas	11
3.3 Código de Pontuação	14
3.3.1 Mudanças nas regras	8
3.3.2 Complexidade das regras	4
3.3.3 Falta de estudo	2
TOTAL	84

Fonte: Dados da pesquisa

As variáveis relativas ao estresse psicológico foram divididas em três subcategorias: “Julgamento”, “Nível da competição” e “Código de Pontuação”. Com 45 MU's, a que obteve um maior destaque nos relatos dos árbitros foi “Julgamento”, que foi subdividida em mais quatro propriedades. A pressão de tempo que os árbitros sofrem após a apresentação da ginasta, no momento de atribuição da nota,

foi uma variável frequente entre os árbitros, já que totalizou 16 MU's. Dois exemplos que ilustram essa pressão de tempo sofrida pelos árbitros:

Às vezes, me estressa aquela correria que tem pra se dar nota... então você, às vezes, está arbitrando um quesito, por exemplo, um D2 que exige você prestar mais atenção, é mais demorado o fechamento de nota e você tem que fazer isso muito rapidamente. Às vezes, até indo nota errada, porque você não tem o tempo hábil pra ficar vendo isso, principalmente, quando a gente é controle, que você arbitra dois, três aparelhos de uma vez e aquela correria toda de você ter que dar nota e sair tudo certo.” **A3 – Pressão de tempo para atribuir a nota**

(...) quando eu estou no controle, às vezes eu perco um pouco o controle por conta dessa rapidez. Mas acredito que possa estressar outras pessoas não tão acostumadas a ficar saindo pra arbitrar, por conta dessa pressão de tempo, às vezes faz conta errada, às vezes não dá tempo de conversar com a parceira. Acho que pode ser um fator de estresse sim. **A2 – Pressão de tempo para atribuir a nota**

Ainda dentro desta subcategoria, a propriedade “Subjetividade” também acumulou 16 MU's. Essa é uma questão muito presente no julgamento da GR e que é exemplificado pelos relatos abaixo:

A Ginástica Rítmica é um esporte que em natureza nos estressa, é, porque ainda que com toda sua objetividade, ele lida com a subjetividade humana, tudo é muito subjetivo, até os critérios para se avaliar as dificuldades. **A1 – Subjetividade**

Eu fico um pouco estressada quanto ao artístico, mas não por conta de não ter estudado, por conta da subjetividade que traz a banca. **A2 – Subjetividade**

Essa coisa da subjetividade acaba que estressa... porque, na realidade, a avaliação na GR pode ser subjetiva, mas a avaliação no esporte, de uma forma geral, é subjetiva (...). Então na GR aumenta de acordo com a banca que tu está. **A4 – Subjetividade**

As propriedades “Erro” (10 MU's) e “Qual banca julgar” (3 MU's) também estão contidas nesta subcategoria e são ilustradas a seguir pelos árbitros A1, A8 e A2:

(...) por isso que eu falo muito que a gente tem que estudar, que a gente tem que ser aperfeiçoar, porque a gente não pode errar, a gente tem que tentar nunca errar, porque o erro, talvez, seja o principal fator de estresse. **A1 - Erro**

Eu mesma errei uma vez, mas foi porque eu não quis "soltar muito a caneta" (dar nota alta), não sei. E aí eu dei uma nota e depois a menina ficou em segundo lugar merecendo ficar em primeiro, porque os outros quesitos foram e eu... depois que eu vi. Se eu tivesse dado 0,20 a mais a menina teria ficado em primeiro. Aí eu fiquei arrasada, porque a menina realmente merecia ficar em primeiro. **A8 – Erro**

(...) quando eu chego eu fico estressada pra saber em qual banca que eu vou atuar... até o momento do sorteio. **A2- Qual banca julgar**

A subcategoria “Nível da competição” apresentou 25 MU’s, divididas entre as propriedades “Responsabilidade” (14 MU’s) e “Nível técnico das ginastas” (11 MU’s). Alguns árbitros afirmaram que o fator reponsabilidade, principalmente em competições com ginastas de nível técnico mais elevado pode ser estressante.

Eu acredito que seja mais fácil as ginastas com nível técnico mais alto, porque não deixam dúvidas, porém é mais estressante porque sua responsabilidade é muito maior. Às vezes, você tem que decidir quem é a Seleção Brasileira, quem vai representar o seu país lá fora. O melhor país, a melhor ginasta de cada país, então pra você não cometer os erros. Então esse fator estressa muito. **A3 – Responsabilidade**

Ginastas de baixo nível, inclusive, me trazem um estresse, tanto é que os eventos mais conturbados da Confederação são os Torneios Nacionais, que são os campeonatos que, realmente, nos trazem uma maior quantidade de recursos, uma maior quantidade de discussão de nota, porque são as ginastas que não tem um nível técnico tão elevado. **A1 – Nível técnico das ginastas**

As questões relativas ao “Código de Pontuação” (14 MU’s), enquanto variáveis estressantes na atividade dos árbitros de GR, foram separadas nas propriedades “Mudanças nas regras” (8 MU’s), “Complexidade das regras” (4 MU’s) e “Falta de estudo” (2 MU’s). As MU’s abaixo ilustram estas questões relativas ao estresse psicológico na atividade dos árbitros de GR:

(...) toda vez que muda é um estresse pra você entrar na nova regra, você saber se vai se adaptar, passar no novo curso, então é uma coisa que estressa. **A2 – Mudança nas regras**

(...) é estressante, embora nós já estejamos acostumadas à essa complexidade, afinal de contas a gente vive esse código há muitos anos, mas é um fator estressante. Porque o que é, às vezes, visível pra nós, coerente, está de acordo com o critério que nós estamos avaliando, pra algumas pessoas isso não é tão claro. Então interfere, e acredito que seja esse um dos fatores que, por exemplo, levam à reação de técnicas, à reação do público, de entender o que está acontecendo, de entender as notas que nós estamos dando em função do que a ginasta fez. **A3 – Complexidade das regras**

(...) mas tem determinadas coisas ali no código que eu acho que a gente precisa ter um conhecimento melhor, por exemplo, na parte musical e no ritmo. É uma coisa que nós, profissionais da área da ginástica, deveríamos estudar mais. Se tem uma coisa que eu percebo é que não são poucas as pessoas que tem dificuldade com isso, são muitas. Então, aí eu acho que falta mais um aperfeiçoamento dessa área para também melhorar essa questão. Acho que não saber essas coisas, pode gerar um certo estresse pro próprio árbitro e até pros colegas também. **A10 – Falta de estudo**

5 DISCUSSÃO

Conforme exposto anteriormente, o objetivo deste trabalho consistiu em identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de Ginástica Rítmica.

A discussão dos resultados deste estudo será apresentada em três subtópicos, seguindo a mesma lógica da apresentação dos resultados.

5.1 Estresse social

Os resultados indicam que as questões de natureza social se constituem a maior fonte de estresse para os árbitros de GR, quando comparadas com as outras categorias, corroborando os resultados encontrados em estudos realizados com árbitros de outras modalidades esportivas (DUDA *et al.*, 1996; DORSCH; PASKEVICH, 2007; VOIGHT, 2009; COSTA *et al.*, 2010).

Dentre as subcategorias do estresse social, a que mais se destacou enquanto possível fonte de estresse para os árbitros foi “Relacionamento com outros árbitros”, totalizando 50 MU's (QUADRO 2). Este resultado corrobora os resultados que foram encontrados por Duda *et al.* (1996), onde o item “conflitos e desacordos entre juízes” foi uma fonte de estresse frequente nas respostas dos árbitros.

As questões que envolvem o relacionamento árbitros-comissões técnicas e árbitros-equipes também foram consideradas, pelos entrevistados deste estudo, fatores estressantes. Apesar das grandes diferenças ambientais encontradas na GR quando comparada a outras modalidades, estes resultados convergem com o que foi encontrado em estudos com árbitros de futebol, vôlei, handebol, *rugby*, *hockey*, basquete e ginástica artística (DORSCH; PASKEVICH, 2007; DUDA *et al.*, 1996; FRIMAN *et al.*, 2004; MIRJAMALI *et al.*, 2012; RAINEY; HARDY, 1999; RAINEY, 1999; DE ROSE JR *et al.*, 2002; VOIGHT, 2009). Alguns estudos afirmam, inclusive,

que conflitos e ameaças sofridas pelos árbitros por parte dos treinadores e atletas pode ser um dos fatores que levam alguns árbitros a desistirem de suas carreiras (PEREIRA *et al.*, 2006; RAINEY; HARDY, 1999).

A subcategoria “Organização/ estrutura da competição” abrange todos os aspectos relativos à logística dos eventos em que os árbitros estão atuando e que podem causar estresse. Corroborando os resultados encontrados neste estudo, relativos à esta subcategoria, Duda *et al.* (1996) apontaram que a “desorganização da competição” foi um dos fatores de estresse encontrados. Da mesma forma, no estudo de Silva (2004), que analisa uma realidade diferente, o item “competição desorganizada” foi o terceiro fator que mais causa estresse no árbitros de jogos esportivos coletivos, corroborando os resultados encontrados com os árbitros de GR deste estudo. Diferente disso, alguns estudos com árbitros de modalidades coletivas nem ao menos citam esta questão entre as causas de estresse (DORSCH; PASKEVICH, 2007; MIRJAMALI *et al.*, 2012; VOIGHT, 2009).

Os aspectos sociais além da carreira de arbitragem, como por exemplo, família, trabalho, estudo e viagens tem sido considerados como variáveis estressoras para os árbitros esportivos de diferentes modalidades (DUDA *et al.*, 1996; RAINEY, 1999; VOIGHT, 2009). No caso da GR, pelo fato da arbitragem não se constituir como uma profissão, de fato, esta foi uma subcategoria (Demandas sociais x carreira de árbitros) que também teve destaque no número de MU's.

O relacionamento dos árbitros com os demais colegas, treinadores e atletas; a logística das competições; e a dificuldade de conciliar a carreira de árbitro com as demandas sociais mostraram-se como variáveis estressantes para os árbitros de GR participantes deste estudo. Conforme encontrado na literatura, os fatores de origem social também constituem-se como maior fonte de estresse em árbitros de outras modalidades esportivas, o que reafirma a tensão existente nas relações sociais e no ambiente em que os árbitros estão inseridos.

5.2 Estresse biológico

Os árbitros entrevistados citaram com menor frequência, durante as entrevistas, fatores estressantes ligados ao estresse biológico. Este resultado também foi encontrado no estudo de Duda *et al.* (1996), onde as questões ligadas a “doenças físicas” tiveram baixa representatividade entre as demais fontes de estresse em árbitros de ginástica artística, que atuam em um ambiente muito semelhante ao da GR.

Apesar do fato de que as funções desempenhadas pelos árbitros de basquete apresentam demandas de ordem biológica maiores do que os de GR, De Rose Jr *et al.* (2002) também não encontraram os itens “arbitrar em más condições físicas” e “arbitrar doente” entre os principais fatores de estresse nos árbitros.

Dentre as subcategorias do estresse biológico, destacaram-se “Cansaço” e “Questões de saúde” (QUADRO 4). Assim como no estudo de Leandro (2009), onde a autora afirma que atuar por muitas horas seguidas pode desencadear um extremo cansaço, causando, conseqüentemente, estresse nos árbitros de GR.

Estudos realizados com árbitros de futebol com um foco maior no desempenho físico dos mesmos comprovaram que o estresse biológico pode influenciar o desempenho técnico e tático dos árbitros durante as partidas (CASTAGNA *et al.*, 2007; WESTON *et al.*, 2011).

Mesmo a demanda biológica dos árbitros de Ginástica Rítmica sendo menor do que dos árbitros de modalidades coletivas, como o futebol e basquete, os entrevistados consideram a existência de variáveis estressantes ligadas à dimensão biológica.

5.3 Estresse psicológico

Esta categoria, que consiste o foco maior deste estudo, apresentou um total de 84 MU's. Além disso, os resultados indicam como principal variável estressante desta categoria as situações ligadas ao julgamento em si, durante a atuação dos árbitros.

Conforme apresentado do QUADRO 4 a subcategoria “Julgamento” apresentou um total de 44 MU's, o que indica que o estresse proveniente deste aspecto foi muito citado pelos entrevistados. Assim como no estudo de Duda *et al.* (1996), os árbitros voluntários deste estudo afirmaram por diversas vezes que o pouco tempo de reflexão que existe entre término da apresentação da ginasta que está sendo avaliada e a atribuição das notas gera estresse.

Diferente da maioria das modalidades esportivas, a GR possui uma vertente artística, o que torna a avaliação e interpretação do árbitro mais subjetiva (LEANDRO, 2009; ROSSETE, 1994). Os árbitros afirmam que, principalmente quando estão arbitrando na banca de artístico (A), a subjetividade na avaliação pode ser um fator causador de estresse. Apesar da grande semelhança entre a Ginástica Rítmica e a Artística (GA), esse vertente não é tão significativa na GA, já que esta variável não foi encontrada no estudo de Duda *et al.* (1996).

Estes resultados, de certa forma, indicam que o estresse oriundo da subjetividade elevada da banca da artístico (A) e da maior pressão de tempo para atribuir as notas na banca de D2 talvez seja um dos motivos que levaram os árbitros portugueses a afirmarem que gostam menos de arbitrar artístico e tem mais dificuldade no julgamento do D2 (LEANDRO, 2009; LEANDRO *et al.*, 2010).

Estudos que investigam o estresse em árbitros esportivos mostram que situações ligadas ao erro, como, por exemplo: “medo de errar”, “tomar decisões erradas”, “cometer erros em momentos decisivos”, “medo de errar a nota”, “errar seguidamente”; são fatores que causam grande estresse nos árbitros (DUDA *et al.*, 1996; MIRJAMALI *et al.*, 2012; DE ROSE JR *et al.*, 2002; SILVA, 2004; SILVA. *et al.*, 2010; TSORBATZOU DIS *et al.*, 2005; VOIGHT, 2009). O QUADRO 4 mostra que

neste estudo foram encontradas 10 MU's que abordam o estresse do árbitros de GR relacionado com o erro, o que mostra a semelhança entre os resultados deste estudo e os de outras modalidades esportivas.

Uma das particularidades das regras da GR (CoPGR) é que elas mudam com muita frequência, diferente das outras modalidades esportivas. A cada ciclo olímpico, algumas vezes em um intervalo de tempo até menor, o conteúdo do Código de Pontuação é reformulado, excluindo e/ou incluindo e/ou alterando as regras anteriores. Por ser uma questão muito específica desta modalidade, nenhum outro estudo apontou este mesmo resultado.

A dificuldade no levantamento bibliográfico foi umas grandes limitações deste trabalho. Outro fator limitante foi a metodologia empregada neste estudo e a ausência de uma triangulação dos dados. A amostragem também pode constituir-se um limitador desta pesquisa, já que não foram entrevistados árbitros de todos os estados brasileiros. Apesar deste estudo mostrar uma realidade de árbitros, de diferentes regiões do Brasil, que atuam dentro de diferentes tipos de competições (regionais, nacionais e internacionais), faz-se necessário a realização deste estudo com árbitros de outras condições socioculturais para confrontação dos resultados obtidos.

Apesar das limitações encontradas, este trabalho destaca-se pelo seu pioneirismo em tentar mensurar cientificamente os fatores sociais, psicológicos e biológicos que levam os árbitros de GR ao estresse. Outro destaque importante é com relação ao fato deste trabalho ter sido desenvolvido com árbitros *experts*, o que é muito difícil e pouco encontrado na literatura. O levantamento destes dados permite, também, uma futura construção e validação de um instrumento psicométrico que mesure o estresse em árbitros desta modalidade.

Além disso, constitui-se como um importante passo no sentido de identificar e mensurar o estresse, enquanto constructo psicológico que pode influenciar na atuação dos árbitros. Sabendo-se mais a respeito dos fatores que interferem na arbitragem, medidas futuras podem ser tomadas para que os árbitros tenham melhores desempenhos e, conseqüentemente, contribuam para o crescimento da modalidade como um todo.

6 CONCLUSÃO

Durante o processo de arbitragem, os árbitros são solicitados em determinadas demandas (social, física, psicológica), tais demandas, quando não são bem desempenhadas podem resultar em erros durante as avaliações, o que podem gerar situações de estresse, nas quais os árbitros devem ter a capacidade de superação para que exista um melhor discernimento e aplicação das regras.

Conclui-se, a partir dos resultados e discussões, que, de fato, existe uma tridimensionalidade (aspectos, biológicos, sociais e psicológicos) no que tange os fatores causadores de estresse para os árbitros de Ginástica Rítmica.

A partir do número de *Meanign Units* encontradas na categoria “Estresse Social” é possível concluir que esta seja, dentro da concepção do estresse enquanto produto tridimensional, a dimensão que apresenta mais variáveis estressantes para os árbitros de GR em suas atuações.

Possivelmente devido ao fato de menor exigência física durante a atuação, pode-se concluir que, por este motivo, a dimensão biológica não obteve uma grande representatividade de MU's nos relatos dos entrevistados.

Este estudo apresentou a realidade das variáveis estressantes de árbitros brasileiros de diferentes regiões do país e que atuam em eventos estaduais, nacionais e internacionais. Ou seja, estes árbitros vivenciam uma grande variedade de fatores estressantes na arbitragem dentro de diferentes culturas e realidades o que aumentou as possibilidades de resultados nesse estudo.

A pesquisa sobre estresse não pode se contentar somente em descrever, explicar e antecipar o estado de estresse e suas implicações, mas sim, converter os conhecimentos adquiridos em medidas práticas para a análise e controle do estresse. Dessa forma, sugere-se à Comitê de Arbitragem da Confederação Brasileira de Ginástica e as suas respectivas Comissões Estaduais que desenvolvam programas de treinamentos sistematizados cientificamente e específicos para atender as demandas físicas, psicológicas e sociais dos árbitros.

Que estes programas de treinamento psicológico também abordem técnicas psicológicas que auxiliem estes profissionais a lidarem melhor com o estresse laboral de suas funções dentro e fora do campo. Uma sugestão é o crescimento do número cursos específicos para arbitragem que promovam a formação, a especialização e reciclagem do quadro de árbitros, dentro de cada federação, sendo que este processo deve convergir com uma política nacional unificada de formação e capacitação de árbitros para o engrandecimento da Ginástica Rítmica brasileira no cenário internacional

REFERÊNCIAS

ÁVILA-CARVALHO, L; PALOMERO, M.L.; LEBRE, E. Artistic score for Rhythmic Gymnastics group routines in 2008 Portimão World Cup Series. **Motricidade**, v. 5, n. 3, p. 71, 2009.

BOEN, F. *et al.* Open feedback in gymnastic judging causes conformity bias based on informational influencing. **Journal of Sports Sciences**, v. 26, n. 6, p. 621-8, abr 2008.

CLAUDINO, J.G.O. *et al.* A experiência pode ser um fator de alteração da percepção do estresse entre árbitros de futebol. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 164, jan 2012.

COSTA, V.T. **Adaptação e validação do RESTQ-Coach para a população brasileira de treinadores esportivos e análise dos constructos de estresse, recuperação e sintomas da síndrome de burnout.** 2011. 121f. Tese (Doutorado em Ciências do Esporte) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

COSTA, V.T. *et al.* Análise estresse psíquico em árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 3, n. 2, p. 2-16, 2010.

COSTA, V.T; *et al.* Comparação dos níveis de estresse , recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ. **Motricidade**, v. 8, p. 937-945, 2012.

DE ROSE JR, D.; PEREIRA, F.P.; LEMOS, R.F.; Situações específicas de jogo causadoras de “stress” em oficiais de basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 160-173, jul/dez 2002.

DE ROSE JR, D. *et al.* Situações de jogo como fonte de “stress” em modalidades esportivas coletivas. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 18, n. 4 p.385-95, out/dez, 2004.

DIAS, C.; CRUZ, J.; FONSECA, A. Emoções, stress, ansiedade e coping: estudo qualitativo com atletas de elite. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 9, n. 1, p. 9-23, 2009.

DORSCH, K.D.; PASKEVICH, D.M. Stressful experiences among six certification levels of ice hockey officials. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 4, p. 585-593, jul 2007.

DUDA, J.L. *et al.* Women’s Artistic Gymnastics judges sources of stress. **Technique**, v. 16, n. 10, p. 1-5, 1996.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Código Internacional de Pontuação de Ginástica Rítmica.** FIG, 2009.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Regulamento Específico de Árbitros de Ginástica Rítmica**. FIG, 2008.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Orientações para árbitros de referência**. FIG, 2010.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Regulamento Técnico**. FIG, 2011.

FERREIRA, H.C.A. *et al.* Análise do estresse psíquico em árbitros de futsal. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 8, n. 1, p. 43-48, 2009.

FERREIRA, R.M. *et al.* Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 130-142, 2012a.

FERREIRA, R.M. *et al.* Habilidades mentais de nadadores brasileiros de alto rendimento. **Motricidade**, v. 8, p. 946-955, 2012b.

FLETCHER, D.; SCOTT, M. Psychological stress in sports coaches: a review of concepts, research, and practice. **Journal of Sports Sciences**, v. 28, n. 2, p. 127-37, jan 2010.

FRIMAN, M.; NYBERG, C.; NORLANDER, T. Threats and aggression directed at soccer referees: an empirical phenomenological psychological study. **The Qualitative Report**, v. 9, n. 4, p. 652-672, 2004.

GUILLÉN, F.; FELTZ, D.L. A conceptual model of referee efficacy. **Frontiers in psychology**, v. 2, n. February, p. 25, jan 2011.

GUILLÉN, F.; JIMÉNEZ, H. Características deseables en el arbitraje y el juicio deportivo. **Revista de Psicología del Deporte**. Barcelona, v. 10, n. 1, p. 23-34, 2001.

HEINE, T.; VINKEN, P.; VELENTZAS, K. Judging performance in gymnastics: a matter of motor or visual experience? **Science of Gymnastics Journal**, v. 4, n. 1, p. 63, 2012.

LEANDRO, C. **Análise do Desempenho de Juizes de Ginástica Rítmica**. 2009. 110 f. Dissertação. (Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

LEANDRO, C.; ÁVILA-CARVALHO, LURDES; LEBRE, E. The evaluation of the performance of Rhythmic Gymnastics's Judges. **Palestrica Mileniului III**, v. 11, n. 3, p. 202, 2010.

MCKAY, J. *et al.* Sources of strain among elite UK track athletes. **The Sport Psychologist**, n. 1983, p. 143-163, 2008.

MIRJAMALI, E. *et al.* A study of sources of stress in international and national referees of soccer, volleyball, basketball and handball in Iran. **World Journal of Sport Sciences**, v. 6, n. 4, p. 347-354, 2012.

MUNROE-CHANDLER, K.J. A discussion on qualitative research in physical activity. **The Online Journal of Sport Psychology**, v. 7, n. 1, p. 67-81, 2005.

NITSCH, J.R. Ecological approaches to sport activity: a commentary from an action-theoretical point of view. **International Journal of Sport Psychology**, v. 40, p. 152-176, 2009.

NOCE, F.; SAMULSKI, D.M. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 113-129, 2002.

PATTON, M.Q. **Qualitative evaluation methods**. 3.ed. Califórnia: Sage, 2002. 598p.

PEREIRA, A.J.; ALADASHVILE, G.A.; SILVA, A.I. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 17, n. 2, p. 185-192, 2006.

POPOVIC, R. International bias detected in judging Rhythmic Gymnastics competition at Sydney-2000 Olympic Games. **Physical Education and Sport**, v. 1, n. 7, p. 1-13, 2000.

POST, P.G.; WRISBERG, C.A. A phenomenological investigation of gymnasts' lived experience of imagery. **The Sport Psychologist**, v. 26, p. 98-121, 2012.

RAINEY, D.W. Sources of stress, burnout, and intention to terminate among basketball referees. **Journal of Sport Behavior**, v. 22, n. 4, p. 578-590, 1999.

RAINEY, D.W.; HARDY, L. Sources of stress, burnout and intention to terminate among rugby union referees. **Journal of Sports Sciences**, v. 17, n. 10, p. 797-806, out 1999.

ROSSETE, E.F.C. **O julgamento na Ginástica Rítmica Desportiva**. 1994. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

SAMULSKI, D.; CHAGAS, M.H. Análise do estresse psíquico na competição em jogadores de futebol de campo das categorias juvenil e júnior. **Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina**, v.2, n.19, p.3-11, 1996.

SAMULSKI, D.M.; CHAGAS, M.H.; NITSCH, J.R. **Stress: teorias básicas**. Belo Horizonte: Costa & Cupertino Ltda, 1996. 110 p.

SAMULSKI, D.M.; NOCE, F.; CHAGAS, M.H. Estresse. In: SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2.ed. Barueri: Manole, 2009. p. 231-264.

SAMULSKI, D.M.; MORAES, L.C.; FERREIRA, R.M.; *et al.* Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 310-317, 2009.

SAMULSKI, D.M.; SILVA, S.A. Psicologia aplicada à arbitragem. In: SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2.ed. Barueri: Manole, 2009. p. 461- 486.

SILVA, A.H. *et al.* Análise do estresse psíquico em árbitros de voleibol e basquetebol federados de Minas Gerais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, n. 2, p. 53-58, 2010.

SILVA, S.A. **Construção e validação de um instrumento para medir o nível de estresse dos árbitros dos jogos esportivos coletivos**. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

STE-MARIE, D.M. International bias in gymnastic judging: conscious or unconscious influences? **Perceptual and Motor Skills**, v. 83, p. 963-975, 1996.

THOMAS, J.R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 396 p.

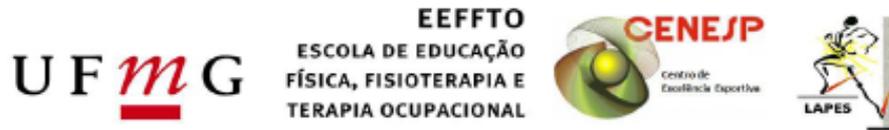
TSORBATZOUDIS, H. *et al.* Sources of stress among greek team handball referees: construction and validation of the handball officials' sources of stress survey. **Perceptual and Motor Skills**, v. 100, p. 821-830, 2005.

VIEIRA, L.F.; BOTTI, M.; VIEIRA, J.L.L. Ginástica Rítmica: análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da Seleção Brasileira Juvenil. **Acta Scientiarum - Health Sciences**, Maringá, v. 27, n. 2, p. 207-215, 2005.

VOIGHT, M. Sources of stress and coping strategies of US soccer officials. **Stress and Health**, v. 25, n. 1, p. 91-101, fev 2009.

ANEXOS

ANEXO A: Ficha de Identificação



ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA RÍTMICA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Coordenação: Prof. Dr. Varley Teoldo da Costa
 Aluna: Paula Barreiros Debien

Nº _____ Data: ___/___/___

NOME (OPCIONAL): _____

DATA DE NASCIMENTO: ___/___/___

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: () Superior incompleto () Superior completo
 () Especialização () Mestrado () Doutorado () Outro: _____

PROFISSÃO: _____

E-MAIL: _____

BREVET/CATEGORIA: () Nacional () Internacional IV () Internacional III
 () Internacional II () Internacional I

TEMPO DE ARBITRAGEM: _____

TEMPO DE ARBITRAGEM INTERNACIONAL: _____

MÉDIA DE ATUAÇÕES POR ANO (CICLO 2009-2012): _____

COMPETIÇÃO MAIS IMPORTANTE QUE ATUOU: _____

ANEXO B: Roteiro para entrevista semiestruturada



ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA RÍTMICA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Coordenação: Prof. Dr. Varley Teoldo da Costa

Aluna: Paula Barreiros Debien

Nº _____ Data: ____/____/____ Duração da entrevista: _____

O roteiro destina-se a identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de Ginástica Rítmica.

Para este estudo consideraremos o estresse como uma desestabilização psicofísica ou a perturbação do equilíbrio pessoa-meio ambiente, compreendido como um produto da tridimensionalidade entre os sistemas biológico, psicológico e social (SAMULSKI; CHAGAS; NITSCH, 1996).

O roteiro apresenta as perguntas categorizadas, além de uma lista (*check list*) na qual o entrevistado deve se referir, durante a entrevista, a todos os assuntos marcados.

1) Especificamente, em relação às competições de GR (do momento da convocação até o final da competição) em que você está arbitrando, quais situações causam estresse em você?

1.1 – Social

1.1.1 Relacionamento com outros árbitros

- Confrontos negativos, problemas pessoais, abusos verbais
- Desacordo com árbitros controle/referência/coordenadores
- Falta de sintonia, diferença de critério com a dupla e/ou controle
- Perceber parcialidade, atuação tendenciosa de outros árbitros
- Mudança de nota

1.1.2 Organização da competição

- Estrutura ruim (posicionamento da banca, sol, caixas de som)
- Atrasos na programação
- Reunião de arbitragem/ congresso técnico
- Separar fichas

1.1.3 Relacionamento com as comissões técnicas

- Confrontos negativos, problemas pessoais, abusos verbais

1.1.4 Espectadores

- Confrontos negativos, problemas pessoais, abusos verbais
- Barulho excessivo



1.2– Biológico

- Fome, sono, vontade de ir ao banheiro
- Doença, indisposição
- Arbitrar por muitas horas seguidas, cansaço

1.3– Psicológico

1.3.1 *Julgamento*

- Pressão de tempo no momento de atribuir uma nota x programação do evento
- Tomada de decisão rápida
- Banca (artístico, execução, D1, D2)
- Subjetividade na avaliação
- Não se sentir apto/preparado
- Ser árbitro controle
- Errar no julgamento
- Recurso

1.3.2 *Nível da competição*

- Nível técnico das atletas (alto x baixo)
- Competições com ginastas de diferentes níveis técnicos
- Importância do evento

1.3.3 *Código de Pontuação*

- Mudanças nas regras (grandes mudanças e muito constantes)
- Muitas regras (extenso)
- Complexidade
- Subjetividade

1.3.4 *Demandas da carreira x vida pessoal*

- Viagens
- Família
- Trabalho

2) Como esse estresse é manifestado (biológico, psicológico, social)?

3) Qual foi a situação de estresse mais crítica em sua carreira?

4) Há alguma outra consideração que você queira fazer a respeito desse assunto?

ANEXO C: Carta CBG

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA
COMITÊ DE PESQUISA

AUTORIZAÇÃO No. 001/2012

**TÍTULO DA PESQUISA: ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE
GINÁSTICA RÍTMICA**

LABORATÓRIO responsável: LAPES – CENESP-UFMG

IDENTIFICAÇÃO NA IES : em andamento

AUTORES: Prof. Dr Varley Teoldo da Costa

A Confederação Brasileira de Ginástica através do seu Comitê Científico toma público a **AUTORIZAÇÃO** para a realização da pesquisa supracitada a ser realizada com árbitros de Ginástica Rítmica durante as competições oficiais da CBG no decorrer do segundo semestre de 2012.

Obs. A CBG lembra-se que é proibido fotografar ginastas individualmente (direito de imagem) - fotografias somente em conjunto; os resultados devem ser enviados à CBG antes da divulgação.

Profª. MARIA LUCIENE CACHO RESENDE
Presidente da CBG

ANEXO D: E-mail enviado aos voluntários

Prezado colega árbitro,

Eu sou aluna de graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais e integrante do Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) do Centro de Excelência Esportiva – UFMG.

Uma das linhas de pesquisa deste laboratório é o estresse em árbitros esportivos. Este ano estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa intitulado “**Estresse psíquico em árbitros de Ginástica Rítmica**”, que tem a orientação e coordenação do Professor Dr. Varley Teoldo da Costa (professor da UFMG e coordenador do LAPES).

O objetivo deste estudo é identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de Ginástica Rítmica. Este estudo é de grande valia para a área das Ciências do Esporte, pois trata de uma variável, presente no contexto esportivo, que influencia diretamente o desempenho do árbitro.

Este projeto entrará em processo de coleta de dados e para isso, conto com a sua colaboração. Só participarão do estudo árbitros brasileiros de nível internacional e que tenham atuado em pelo menos um evento (nacional e/ou internacional) no atual ciclo olímpico. O estudo é composto de uma entrevista que tem duração média de 30 minutos.

Este estudo conta com o apoio e autorização do Comitê Científico da CBG.

Dessa forma, venho através deste, lhe convidar para participar, voluntariamente, do referido estudo.

Conforme convocação oficial enviada pela CBG, acredito que nos encontraremos no período de ___ de ___ a ___ de _____ na competição _____, que acontecerá em _____.

Caso aceite participar desta pesquisa, a minha intenção é que essa entrevista seja realizada durante o período citado acima, em um horário a ser combinado levando em consideração as nossas disponibilidades e a programação do evento.

O seu apoio neste processo é de extrema importância e consiste em mais um passo na busca pela realização deste trabalho e do desenvolvimento do nosso esporte.

Certa de poder contar com sua colaboração, agradeço antecipadamente pela ajuda e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Aguardo sua resposta.

Grata,

Paula Barreiros Debien

Graduanda em Educação Física – UFMG

Diretora Técnica de Ginástica Rítmica – FMG

Integrante do Laboratório de Psicologia do Esporte – CENESP/UFMG

(31) 9213-6457

ANEXO E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Terminologia obrigatório em atendimento a resolução 196/96 - CNS-MS)

Via do voluntário

Você está sendo convidado a participar de um estudo realizado pelo Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob coordenação do Prof. Dr. VARLEY TEOLDO DA COSTA. O objetivo deste estudo é identificar, de forma específica, as variáveis estressantes relacionadas à atividade de árbitros de Ginástica Rítmica. Este estudo é de grande valia para a área das Ciências do Esporte, pois trata de uma variável, presente no contexto esportivo, que influencia diretamente o desempenho de árbitro.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, onde serão aplicados: uma ficha de identificação, para caracterização da amostra, e uma entrevista semiestruturada com roteiro previamente estabelecido. O procedimento terá uma duração de 30 minutos e não oferece riscos aos participantes.

A coleta de dados será realizada em um local apropriado e você sempre será acompanhado por um dos pesquisadores envolvidos na pesquisa.

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada publicamente em nenhuma hipótese. Somente o pesquisador responsável e equipe envolvida neste estudo terão acesso a estas informações que serão apenas para fins de pesquisa.

Como participante voluntário, você tem todo direito de recusar a sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo à sua pessoa.

Você não terá qualquer forma de remuneração financeira nem despesas relacionadas ao estudo.

Além disso, em qualquer momento da pesquisa, você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o professor Dr. Varley Teoldo da Costa, pelo telefone (31) 3409-2331 e/ou e-mail: vtcosta@hotmail.com, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG) situado na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005, CEP 312570-901, Belo Horizonte/MG, pelo telefone/fax (31) 3409-4592.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Voluntário

ANEXO F: Carta de aprovação da transcrição das entrevistas



ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA RÍTMICA

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu, _____ confirmo/aprovo que a transcrição realizada a partir da minha entrevista concedida à pesquisadora Paula Barreiros Debien, que servirá como base de dados para o desenvolvimento do estudo intitulado *“ESTRESSE PSÍQUICO EM ÁRBITROS DE GINÁSTICA RÍTMICA”* do Laboratório de Psicologia do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais, é uma reprodução fidedigna do que foi dito no momento da entrevista.

Desde já, aprovo a transcrição realizada sem nenhum tipo de objeção.

_____, _____ de _____ de 2012.

Assinatura do Voluntário

ANEXO G: Parecer do COEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE -02532712.8.0000.5149

Interessado(a): Prof. Varley Teoldo da Costa
Departamento de Esportes
Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 03 de outubro de 2012, o projeto de pesquisa intitulado "**Estresse psíquico em árbitros de Ginástica Rítmica**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Prof. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG